



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO ETNO-HISTÓRICO
DA CULTURA MARUBO

Bolsista: Neon Solimões Paiva Pinheiro, FAPEAM

BENJAMIN CONSTANT
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-H/0048/2008
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO ETNO-HISTÓRICO
DA CULTURA MARUBO

Bolsista: Neon Solimões Paiva Pinheiro, FAPEAM

Orientador: Prof. Dr. Juan Carlos Peña Márquez

BENJAMIM CONSTANT

2009

LISTA DE SIGLAS

- AIMA – Associação Indígena Matis.
- AKAVAJA – Associação Kanamary do Vale do Javari.
- AMAS – Associação Marubo da Aldeia São Sebastião.
- AMASS – Associação Marubo da Aldeia São Salvador.
- AMIATAN – Associação de Moradores Indígenas de Atalaia do Norte.
- ASASEVAJA - Associação de Apoio a Saúde e Educação no Vale do Javari.
- ASDEC – Associação de Desenvolvimento Comunitário do Povo Indígena Marubo do Rio Curuçá.
- CAPOIB – Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil.
- CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação.
- CGII - Coordenação Geral de Índios Isolados.
- CIMI – Conselho Indigenista Missionário.
- CTI – Centro de Trabalho Indigenista.
- CIVAJA- Conselho Indígena do Vale do Javari.
- COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.
- CONDISI - Conselho Distrital de Saúde Indígena.
- DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena.
- E. B. – Exército Brasileiro.
- FEPI - Fundação Estadual dos Povos Indígenas (nome anterior Fundação Estadual de Política Indigenista do Amazonas).
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio.
- FUNASA – Fundação Nacional da Saúde.
- ISA – Instituto Socioambiental.
- MNTB – Missão Novas Tribos do Brasil.
- OPAN - Operação Anchieta (atualmente Operação Amazônia Nativa).
- PDPI- Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas.
- PIA – Posto Indígena de Atração.
- PPTAL – Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal
- SEDUC - Secretaria de Estado de Educação do Amazonas.
- T.I. – Terra Indígena.
- UFAM – Universidade Federal do Amazonas.
- UNIVAJA – União dos povos indígenas do Vale do Javari.

LISTA DE MAPAS

Figura 1 – Recorte do Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú, da região do Vale do Javari.....	17
Figura 2 - Mapa da localização do povo Marubo no Vale do Javari.....	22
Figura 3 – Mapa das Comunidades Indígenas do Vale do Javari.....	24

LISTA DE QUADROS

Quadro populacional histórico do Povo Marubo.....	37
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Termo do mini-curso de Elaboração de Projetos Sociais em Atalaia do Norte na Escola Estadual Pio Veiga, no dia 09/02/2008.....	66
Figura 2 - Coordenador do UNIVAJA na pré-conferência de educação indígena na cidade de Atalaia do Norte no auditório da FUNAI/ATN, no dia 22/04/2009.....	66
Figura 3 - Reunião na sede da UNIVAJA com lideranças indígenas do Vale do Javari no dia 28/06/2008.....	67
Figura 4 - Mesa Redonda no auditório da UFAM/INC/BCO na reflexão do dia do índio no dia 18/04/2008.....	67
Figura 5 - I Festival Cultural indígena do Povo Kanamary na comunidade Remansinho no rio Itaquaí no dia 22/12/2008.....	68
Figura 6 - Maloca (<i>Shovo</i>) Marubo na Br 307 no quilômetro 08 de Atalaia do Norte há Benjamin Constant.....	68
Figura 7 - Termo da I Assembléia da AMAS, na comunidade São Sebastião do rio Curuçá no dia 30/10/2007.....	69
Figura 8 - Cacique Said Marubo da comunidade de São Sebastião do rio Curuçá no dia 31/10/2007.....	69
Figura 9 - Abertura da I Assembléia da AMAS e a participação de lideranças Marubo no 29/10/2007.....	70
Figura 10 - Coordenador do CIVAJA na I Assembléia da AMAS no dia 30/10/2007.....	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1	O conceito de cultura.....	12
2.2	O conceito de Etno-história.....	14
2.3	A perspectiva histórica indígena na Amazônia.....	16
2.4	Definição de grupo étnico.....	18
3	DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	20
4	DESENVOLVIMENTO.....	22
4.1	Contexto histórico e social do povo Marubo.....	22
4.2	Construção Cultural e Social dos Marubo.....	25
4.3	Literatura Marubo: Relatos Etno-histórico e Etnográfico.....	39
5	RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÕES.....	57
6	FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
7	CRONOGRAMA.....	65
8	FOTOS.....	66
9	ANEXO.....	71

RESUMO

Este é o relatório final do projeto de iniciação científica intitulado: Levantamento Bibliográfico Etno-histórico da cultura Marubo que aborda os aspectos culturais do povo Marubo da família lingüística Pano. Conhecidos por este nome, embora não seja um etnonímo, a qual não parece existir dentro de seu universo cosmológico. Têm uma população segundo o levantamento do 2º senso dos Professores indígenas DSEI – Javari de maio de 2009 é de 1.156 pessoas, com 19 comunidades, distribuídos nos rios Curuça e Ituí, na Terra Indígena Vale do Javari. O projeto tem objetivo fazer uma sistematização etnológica das bibliografias etno-históricas e etnográficas da cultura Marubo. A problemática desta pesquisa vincula duas áreas de conhecimento: a Etno-história e a Etnologia. A primeira pelo fato do levantamento e compreensão das fontes a serem trabalhadas e a segunda pela abordagem interpretativista das leituras e análise etnológica. Do ponto de vista operacional, vem realizando cinco procedimentos metodológicos básicos: identificação das fontes documentais sobre a cultura Marubo; leitura; análise crítica; fichamentos dessas fontes e a sistematização das fontes numa ficha bibliográfica. Procurando inserir as pesquisas dos países vizinhos, Colômbia e Peru, à conhecida bibliografia Marubo do Brasil. Inicialmente apresenta-se um apanhado histórico a partir do que foi escrito a respeito dos Marubo pelos etnógrafos e indigenistas a partir da década de 70 do século XX. É pela mitologia que os Marubo descrevem o universo e contam como este se formou. Na organização social a maloca abriga várias famílias elementares sob a liderança do dono da maloca, que pode se casar com uma ou mais irmãs de sua esposa. O poder da liderança está associado também a sua habilidade discursiva junto ao grupo e nas relações com não indígenas, muitas vezes misturada com a do “patrão” Marubo. Analisando a história deste povo para construir parâmetros de interpretação e favorecendo os processos sociais autônomos.

Palavras chave: Vale do Javari, Etnologia, Cultura Marubo.

1. INTRODUÇÃO

Este relatório final é fruto do projeto de iniciação científica intitulado: Levantamento Bibliográfico Etno-histórico da cultura Marubo, PIB-H/0048/2008, iniciado em agosto de 2008, que tem como bolsista Neon Solimões Paiva Pinheiro, aluno do 6º período do Curso de Bacharelado em Antropologia, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, do Instituto Natureza e Cultura - INC, Campus de Benjamin Constant e como orientador o Prof. Dr. Juan Carlos Peña Marquez. Instituído pela Fundação de Amparo a Pesquisa no Estado do Amazonas – FAPEAM, órgão financiador do projeto.

Este relatório visa fazer uma sistematização etnológica das bibliografias etnográficas e etno-históricas da cultura Marubo, contribuindo no sentido de salvaguardar as pesquisas sobre este povo. Além disso, servirá de base para futuras aplicações educacionais em prol da sua própria sociedade. Propõe-se também fazer uma leitura crítica da etnologia Marubo, sistematizar a informação e possibilitar a outros pesquisadores a consulta destes estudos.

O interesse pelo estudo do povo Marubo surgiu após participar do projeto de extensão: Assessoria às Organizações Indígenas do Vale do Javari coordenado pelo Professor Rodrigo Braga Reis no 2º semestre de 2007 com a UFAM - Benjamin Constant onde tive a experiência e o primeiro contato com os povos indígenas dessa região, o que gerou o interesse pela pesquisa. A escolha do tema para esta pesquisa partiu de um interesse particular de realizar um estudo sobre um grupo indígena da região e interesse ainda de poder ajudar este povo e os demais povos da Terra Indígena Vale do Javari que hoje sofrem com o descaso da saúde, educação, etc. Assim, numa conversa com o orientador foi decidido realizar um trabalho de levantamento bibliográfico etno-histórico do povo Marubo. Um aspecto importante do diálogo que tive com os Marubo foi à tentativa de desenvolver pesquisas que tenham um retorno às comunidades com a disponibilização da informação facilitando e favorecendo os processos sociais autônomos de suas comunidades.

A problemática deste projeto vincula duas áreas de conhecimento a Etno-história e a Etnologia. A primeira pelo fato da compreensão etno-histórica e etnográfica das fontes levantadas e serem trabalhadas e, fazer uma hermenêutica das leituras e análise crítica. Neste sentido, procuramos fazer uma leitura histórico-antropológica dos documentos históricos.

Intentamos, também, disponibilizar os materiais reunidos e analisados para pesquisadores; organizações e lideranças indígenas interessados em aprofundar estudos etnológicos recentes sobre a cultura e realidade deste povo no intuito de orientar futuros estudos educacionais sobre a história e etnologia indígena na Amazônia. Procurando inserir as pesquisas dos países vizinhos, Colômbia e Peru à conhecida bibliografia Marubo no Brasil. Os Marubo, por serem um dos maiores povos indígenas do Vale do Javari em população, distribuídos nas calhas dos rios Curuça e Ituí e apesar de “mais de um século de contato”, segundo estudos etnográficos de Julio Cesar Melatti e Delvair Montagner Melatti, (1975), com a sociedade envolvente ainda mantém muito de sua cultura tradicional, como língua, rituais, xamanismo, cosmologia, mitologia, etc., representando para a história indígena e para a etnologia uma importante análise de estudo.

Assim, tendo o projeto aprovado em agosto de 2008, partiu-se para a identificação, leituras, fichamentos e análise crítica, realizadas nos arquivos pessoais do colega de turma e amigo Almério Alves Wadick que há vários anos vem trabalhando e assessorando os indígenas do Vale do Javari; na Biblioteca do Instituto Natureza e Cultura - Benjamin Constant; na Biblioteca Municipal de Benjamin Constant; nos arquivos do Centro de Trabalho Indigenista – CTI em Tabatinga, e na internet; nos bancos de dados eletrônicos: teses, artigos, entrevistas, comentários e dissertações das Universidades do Brasil, Peru e Colômbia; na Biblioteca da Universidade Nacional da Colômbia sede Letícia e; na Biblioteca do Banco da República em Letícia/Colômbia. Entre as fontes encontradas destacam-se os trabalhos produzidos pelos antropólogos brasileiros Júlio Cesar Melatti e Delvair Montagner Melatti

que são os decanos na pesquisa etnográfica entre os Marubo na década de 70 e 80 do século passado, até o mais atual, a tese de doutorado de Pedro de Niemeyer Cesarino da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, 2008.

Esses relatos constituem fonte de grande interesse para o estudo de Etno-história e, naturalmente, para a Etnologia Amazônica. As fontes analisadas e sistematizadas vão em anexo à ficha de levantamento bibliográfico do povo Marubo que será disponibilizada na Biblioteca do Instituto de Natureza e Cultura - Benjamin Constant. Esperamos com isso poder ajudar o avanço das pesquisas sobre a história e etnologia desse povo. Disponibilizando para as organizações indígenas dos Marubo para professores e lideranças que tenham interesse em desenvolver projetos pedagógicos nas próprias aldeias e suas escolas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O conceito de Cultura

“(...) a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas” (BENEDICT, 1972 *apud* LARAIA, 2004, p 67)

Para KEEsing (1958), cultura é comportamento aprendido e transmitido socialmente. Para KROEBER e KLICKHOHN (1952), não é comportamento de modo algum, e sim uma abstração do comportamento. A cultura existe apenas na mente, segundo BIDNEY (1954), compondo-se de coisas e acontecimentos observados, no mundo exterior, pelas pessoas. Para TYLOR (1948), a cultura consiste em idéias, outros garantem que elas se encontram na mente dos etnólogos CORNELIUS OSGOOD (1951). Diante desta complexidade a respeito do conceito ficamos a imaginar o que seria da física, caso existissem tantos e tão variados conceitos de energia! (WHITE, 1960).

Durante as últimas décadas do século XIX e nos primeiros anos do século XX, a grande maioria dos antropólogos mantinha-se fiel ao conceito de cultura expresso por Edward B. Tylor em 1871, “cultura é todo o complexo” que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes, e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. (LARAIA, 2004).

Para Tylor, cultura é o nome de todas as coisas e acontecimentos peculiares à espécie humana, sendo um fenômeno natural. O conceito de cultura tyloriano dominou, de modo geral, o campo da antropologia durante décadas.

Com o passar dos anos, vários autores argumentavam muitas vezes simplesmente através da análise particular em elaborar um novo conceito de cultura mais reduzido, mais específico na intenção de substituir o de Tylor.

Segundo Boas, a cultura pode ser definida como a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social. (BOAS, 1938 *apud* WHITE, 1960).

Claude Lévi-Strauss, o mais destacado antropólogo francês, considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma. Esta seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas. Ele define a cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana – cultura como sistemas estruturais. (LÉVI-STRAUSS, 1993)

A cultura como coisas e acontecimentos reais e observáveis, dependentes de simbolização. A localização da cultura é, pois, intra-orgânica, inter-orgânica e extra-orgânica. (WHITE, 1960).

O conceito de cultura que utilizei é essencialmente semiótico. Sendo o homem um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados. (GEERTZ, 1989). Interpretando o sistema de significados simbólicos centralizado no ator, na interação social, na criatividade, na dinâmica heterogênea dos grupos sociais. A cultura sendo significados simbólicos dinâmicos no modelo de realidade e ação e no modelo para realidade e ação.

Geertz escreveu que o tema mais importante da moderna teoria antropológica era o de diminuir a amplitude do conceito e transformá-lo num instrumento mais especializado e mais poderoso teoricamente. (GEERTZ, 1989), sendo a cultura o objeto de estudo da antropologia, compreender o conceito de cultura é de extrema utilidade para a compreensão da enorme diversidade cultural da espécie humana. E particularmente para o povo que estamos nos referindo nesta pesquisa.

A interpretação da cultura está tecida aos símbolos culturais que expressam significados diferentes conforme o contexto do interlocutor na sua ação de expor sua realidade. As relações sociais configuram e transformam os tecidos culturais na elaboração de símbolos e significados dinâmicos, interpretando-os a partir dos significados simbólicos. A cultura é a relação do homem com a natureza naquilo que expressão os símbolos.

2.2 O conceito de Etno-história

Esta pesquisa, por outro lado, guarda vínculos com a problemática da Etno-história indígena na Amazônia brasileira. Um dos maiores especialistas em história indígena do Brasil, John Manoel Monteiro 1994, sistematiza as fontes para história indígena e o Indigenismo brasileiro em arquivos brasileiros, modo que utilizo na abordagem metodológica, na sistematização e levantamento bibliográfico da cultura Marubo. A metodologia de Herbert Baldus 1954, no seu livro Bibliografia crítica da etnologia brasileira. Ressalta os primeiros escritos etnológicos dos índios do Brasil a partir da carta de Pedro Vaz de Caminha até a década de 50 do século passado, fazendo um levantamento bibliográfico crítico de toda etnologia brasileira. Manuela Carneiro da Cunha no livro: História dos índios no Brasil destaca vários trabalhos direcionados à questão indígena e a história indígena por vários olhares diferenciados.

O conceito de etno-história está se constituindo; é a historia dos grupos indígenas escritas a partir das notícias deixadas pelos primeiros cronistas e, para as tribos contatadas mais recentemente, também a partir das tradições orais indígenas. Mas é principalmente a história vista de uma perspectiva antropológica, que procura reconstruir o mundo indígena em toda a sua diversidade, através da arqueologia e da observação etnográfica, da história documental e da história oral, da lingüística e da mitologia. (PORRO, 1995).

Muitas vezes o conceito de etno-história é compreendido para explicar vários grupos étnicos como, por exemplo: a etno-história do Alto Solimões (PORRO, 1995); ou classificar grupos étnicos na família lingüística – a etno-história Pano (ERIKSON, 1998). No sentido macro isso pode ajudar a interpretar as relações sociais, mas fica frágil no sentido de homogeneizar os grupos indígenas de uma região ou família lingüística, embora sabendo que estes são totalmente diferentes uns dos outros, isso sem destacar os grupos tidos como autônomos da sociedade nacional. Então, apropriando o conceito de Porro, mas destacando para o interesse desta pesquisa no sentido da observação de um olhar particular do grupo indígena Marubo. Hoje tentamos recriar processos interpretativos de análise que mudem a história dos povos de acordo com o desenvolvimento das relações sociais e culturais entre eles e as sociedades envolventes; a etno-história opta hoje por ouvir mais os povos indígenas, que na memória oral resguardam aspectos fundamentais para a compreensão histórica de cada povo e de cada relação.

2.3 A perspectiva histórica indígena na Amazônia.

“Num contraste acentuado com as tribos que viviam no litoral brasileiro, amplamente descritas por Anchieta, Léry, Staden e tantos outros, os antigos habitantes da várzea amazônica foram dizimados e destribalizados antes que os cronistas igualmente atentos os pudessem descrever. Para agravar esta pobreza documental, a situação periférica da Amazônia em relação aos centros da vida econômica, política e cultural da colônia e ainda o fato de até o final do século XVII o alto Amazonas ter sido área de influência espanhola, lhe deram durante muito tempo o caráter de fronteira.” (PORRO, 1995, p. 7)

A Amazônia tornou-se conhecida dos conquistadores muito lentamente, pois o processo de exploração e incorporação desse imenso território à sociedade colonial, e depois nacional, demandou mais de quatro séculos, e na verdade ainda não terminou. (PORRO, 1995). Em 1542 Frei Gaspar de Carvajal deixou a primeira descrição do grande rio e das sociedades indígenas que viviam às suas margens. A Expedição de Pedro Teixeira, descrita pelo Padre Cristobal de Acuña (1639), que narra à viagem de reconhecimento de fronteira do militar português no trecho de Quito a Belém, contém uma descrição do rio e dos costumes indígenas, sem especificação de lugares e tribos. O Diário e o Mapa do jesuíta Samuel Fritz, que foi missionário na região do Alto Amazonas, entre 1686 a 1723, cuja atividade missionária deu origem a formação das cidades de Tefé, Fonte Boa, São Paulo de Olivença entre outras, sendo o mais importante depoimento sobre a incorporação das aldeias do alto Amazonas à sociedade colonial luso-espanhola, fornece inúmeras notícias sobre as aldeias indígenas no Amazônia peruano e em território brasileiro.

O Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú (1987) dá a filiação lingüística e a localização histórica da grande maioria dos grupos indígenas do Brasil, inclusive os já extintos, registrando inclusive os deslocamentos havidos pela anotação da época em que cada grupo foi visto numa determinada área. Os índios Mayuruna localizados, em 1691, ao longo da margem direita do rio Amazonas (Marañón), em território peruano, desde a foz do Napo até a do Javari; nessa faixa de distribuição dos Mayuruna há uma intrusão de Marubo, sem

data. Sem indicação de data, os Marubo também aparecem no alto Javari e, acima deles, os Katukina.

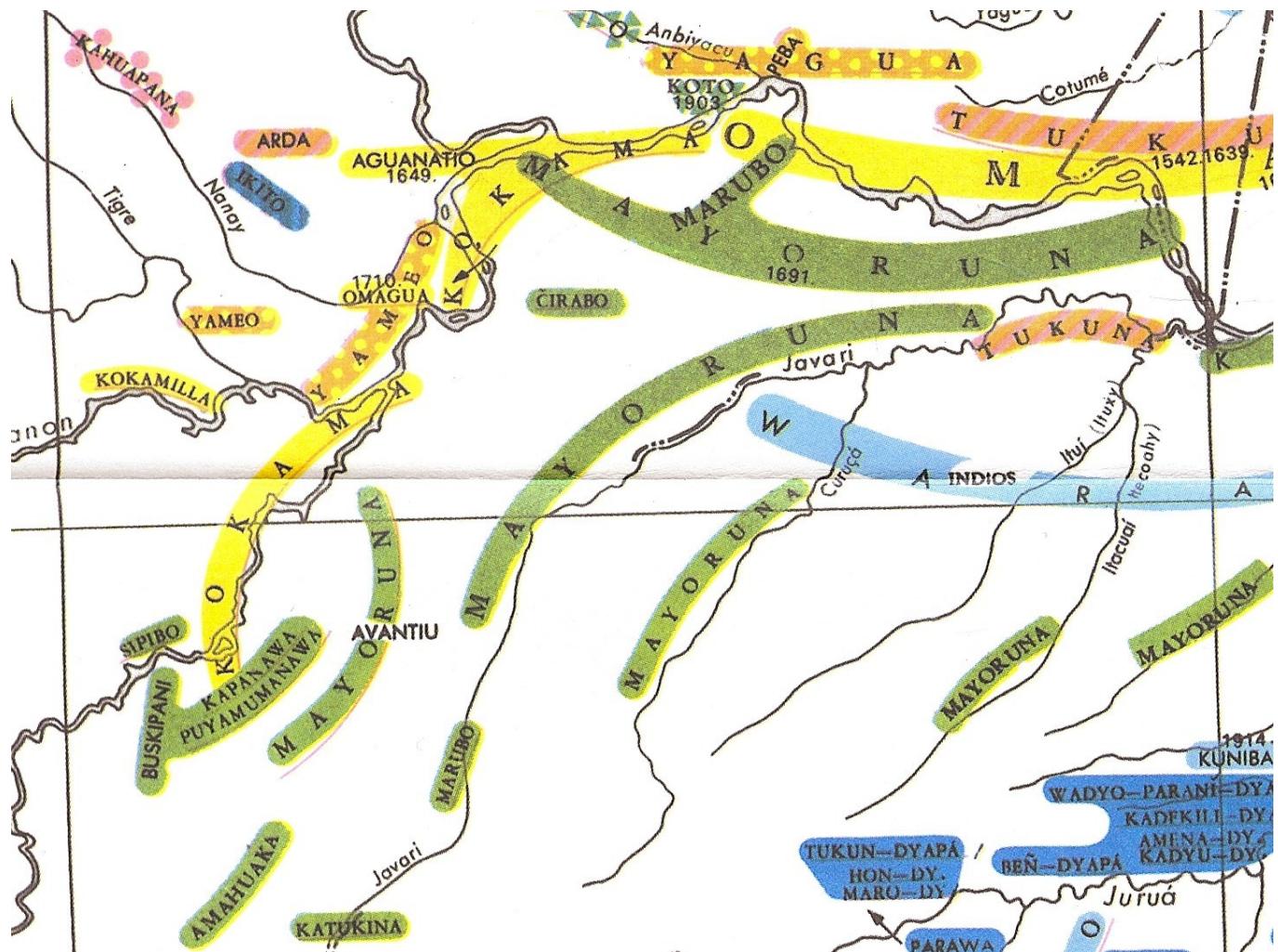


Figura 1 – Recorte do Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú, da região do Vale do Javari.
Fonte: IBGE. Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional, 1987.

Eduardo Góes Neves reconhece que a bacia amazônica era densamente ocupada por diferentes povos indígenas no final do século XV, estima-se que a Amazônia é ocupada há mais de 10.000 anos, em alguns casos por populações de milhares de anos. Baseados em dados arqueológicos: escavações, cerâmicas, etc., (NEVES, 2006). Os grupos indígenas da Amazônia se destacam pela sua movimentação territorial, pelas suas relações interétnicas, seu relacionamento com a natureza e sua dinâmica cultural e lingüística ao longo de sua história.

2.4 Definição de grupo étnico.

A noção de Barth (1998) de grupo étnico liga-se, portanto, à idéia de que são tais fronteiras e não os aspectos culturais internos que definem o grupo étnico e permitem que se dê conta de sua persistência. Assim, o que torna válida a permanência dos grupos e sua persistência no tempo é o fato de que essas fronteiras mantêm-se independentemente das mudanças que afetam os marcadores aos quais elas se fixam. Assim, na concepção barthiana, para que se possam manter as fronteiras étnicas é preciso que haja uma organização efetiva nas trocas entre os grupos e a ativação de uma série de proscrições e de prescrições regendo suas interações.

Segundo Barth (1998), os quais a etnicidade é uma forma de organização social, que se baseia na atribuição de categorias, classificando as pessoas em função de sua origem suposta, que se encontra validada na interação social pela ativação dos signos culturais socialmente diferenciadores.

Neste sentido, Barth afirma que a necessidade de interação com o outro serve para reafirmar, ou mesmo descobrir, a própria identidade. Isso significa que a fronteira étnica – em sua acepção mais extensa – é livre dos constrangimentos territoriais, é algo “portátil”. Segundo o autor, é só encontrar uma pessoa de outra cultura, mesmo sendo do próprio país, para que a fronteira étnica seja suscitada. Deste modo, devem-se estudar as interações e seus resultados no confronto dinâmico de suas fronteiras étnicas.

A orientação teórica de Barth aproxima-se daquela de Roberto Cardoso de Oliveira (1983) com relação a sua abordagem ao contato interétnico. Este autor, por sua vez, elabora um modelo analítico que visa a apreender o sistema interétnico em sua característica mais elementar, enquanto sistemas societários em interação (OLIVEIRA, 1983) onde os aspectos contrastivos, por natureza conflituosa e contraditória devido à desigualdade radical presente

nos contextos interétnicos envolvendo as sociedades indígenas no Brasil, sobrepõem-se às relações estáveis e simbióticas entre grupos étnicos que a análise de Barth parece enfatizar.

Como demonstrou Barth (1998), pertencer a uma etnia não significa necessariamente ter um parentesco biológico. Não são aspectos físicos que emprestam a etnicidade, mas sim, as relações entre grupos distintos que buscam definições de quem são e quem não é uma etnia. A suposta pureza racial pode fazer parte de discursos, mas não se comprova enquanto possibilidade genética. Não são aspectos somáticos, físicos, cor de pele ou cabelo que conferem o pertencimento, mas é a construção, o processo social que leva à existência de uma comunidade cultural ou étnica. As relações interétnicas também são definidoras das etnicidades e, enfatize-se, através das relações entre grupos e povos diferentes é possível eleger um conjunto de elementos definidores da etnicidade, ou sinais diacríticos, e da identidade. Nada há de natural nesse processo, conforme Barth demonstrou claramente que o compartilhar de laços de sangue não é o suficiente para a definição de uma comunidade étnica.

3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Foi realizado durante 12 (doze) meses o levantamento bibliográfico e documental da cultura Marubo. Foram realizados fichamentos dos materiais encontrados: artigos, relatórios, etnografias, pesquisas, diário de campo, dissertações, teses e informativos. Foi realizada uma leitura crítica da etnologia Marubo. Depois da leitura e fichamentos das fontes procedeu-se à sistematização das bibliografias lidas para inserir as informações no CD-ROM.

A metodologia foi seguida de modo a apontar para a realização de levantamento bibliográfico de dados para a sistematização do material em arquivos digitais e para um aprofundamento sobre a cultura Marubo baseados nas orientações metodológicas e fontes para a história indígena e do indigenismo em arquivos brasileiros, organizados por Jonh Manuel Monteiro (1994). A ficha bibliográfica¹ em anexo foi preenchida para relacionar cada autor e o resumo da obra sobre os Marubo, que permitirá o fácil acesso às informações por outros pesquisadores e pelos povos indígenas interessados em consultá-las.

A proximidade com instituições acadêmicas da Colômbia e do Peru permitiu buscar referências sobre os Marubo nestes dois países vizinhos, mas porventura, não encontramos nenhum estudo referente a este povo indígena nestes dois países.

Utilizou-se pesquisa via internet para buscar relatórios, artigos, dissertações, monografias, teses, informativos, comentários etc., em sites brasileiros, peruanos e colombianos que tivessem como foco a cultura Marubo. Pesquisamos também em Bibliotecas: particulares, públicas e do Instituto Natureza e Cultura, além da Biblioteca da Universidade Nacional da Colômbia e, na Biblioteca do Banco da República em Letícia/Colômbia.

Serão utilizados programas digitais, como *Word* – editor de texto e *Nero Start Smart* – para gravar as informações no CD-ROM. A divulgação do CD-ROM terá início com a

¹ Anexo ao Relatório final a ficha de levantamento bibliográfico que será sistematizada e disponibilizada na biblioteca do Instituto de Natureza e Cultura – INC, Benjamin Constant.

distribuição de cópias do mesmo às Bibliotecas das Universidades existentes na região, a saber, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), no município vizinho Tabatinga, da Universidad Nacional de Colombia – Sede Amazonia (UNAL), localizada em Letícia (fronteira com o município de Tabatinga), e ainda da própria Universidade Federal do Amazonas, sendo uma cópia enviada à sede de Manaus, para o Departamento de Antropologia - DAN e Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – PPGAS, incluindo o próprio Instituto Natureza e Cultura, e para as organizações indígenas Marubo em Atalaia do Norte e para professores e lideranças interessados na literatura Marubo.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1 Contexto histórico e social do povo Marubo.

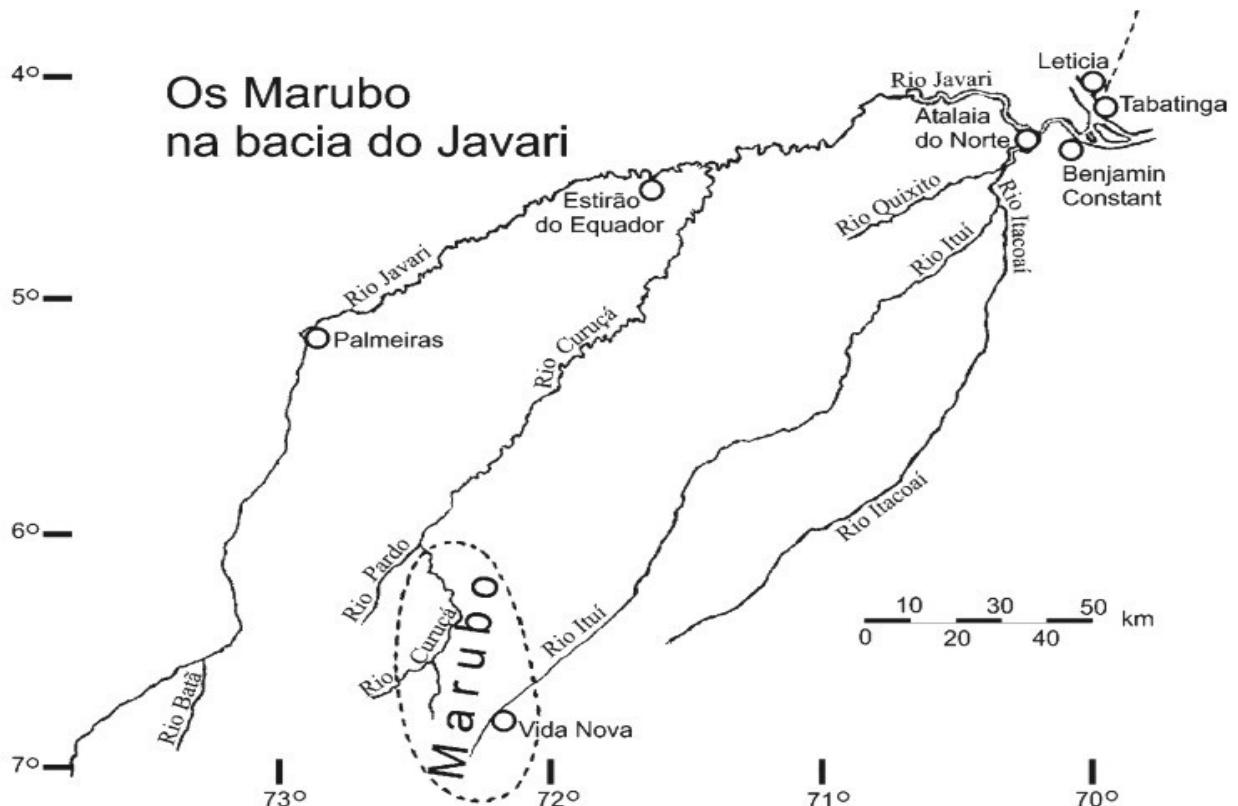


Figura 2 - Mapa da localização do povo Marubo no Vale do Javari.

Fonte: Relatório dos índios Marubo. Delvair Montagner Melatti e Julio Cesar Melatti. Série Antropologia 13. UNB: 1975. p. 07.

Os Marubo vivem no médio e alto cursos dos rios Curuçá e Ituí, da bacia do Javari, na Terra Indígena Vale do Javari, que está inserida numa região mais ampla denominada Alto Solimões, no município de Atalaia do Norte - AM. Para atingirem os centros urbanos, os Marubo descem esses rios, alcançando, nas proximidades da desembocadura do Javari no Solimões, na cidade de Atalaia do Norte onde fica a sede de administração regional da FUNAI, próximo das cidades de Benjamin Constant, a cidade peruana de Islândia e a cidade colombiana de Letícia, que faz fronteira com Tabatinga, ou então, no sentido oposto, cruzam o divisor de águas que os separa do Juruá, para chegarem a Cruzeiro do Sul, no Acre. Aliás, esta última é geograficamente bem mais próxima das terras Marubo; porém, a viagem tem de ser por terra. Desde o estabelecimento dos primeiros contatos com as frentes extrativas de

caucho e de seringa, no final do século XIX, os Marubo estão na mesma posição geográfica. Segundo o Distrito Sanitário Especial Indígena – DSEI do Vale do Javari conforme o levantamento do 2º senso dos Professores indígenas de maio de 2009 é de 1.156 pessoas.

O nome Marubo é um tanto impreciso. Denominado pelos não indígenas aos índios que moravam no igarapé Maronal. Conhecidos por este nome, os Marubo o aceitam, embora não constitua um etnonimo, a qual não parece existir dentro de seu universo cosmológico. O etnólogo Philippe Erikson (1993), apoiado nas semelhanças lingüísticas e culturais dos Marubo com os Katukína-Pano, Nukiní (Remo) e Poyanáwa, do Brasil, e ainda com os Kapanáwa, do Peru, classifica o conjunto de suas línguas como o ramo central da família Pano, juntamente com os demais povos do Vale do Javari: Korubo, Kulina, Matis, Matsés – Mayuruna, exceto os Kanamary que são Katukina, e outras referências de grupos que não querem contato com a sociedade envolvente.

Podemos inferir na revisão bibliográfica que o grupo Marubo foi constituindo a partir de remanescentes de vários grupos étnicos desta região, tais remanescentes se reuniram nas cabeceiras dos rios Curuçá e Ituí sendo pressionados pelas frentes de extrativismo do caucho, seringa, madeira e diversos conflitos interétnicos. Com a proximidade da língua comum Pano, aspectos culturais e parentesco se reorganizaram na formação do grupo atual Marubo.

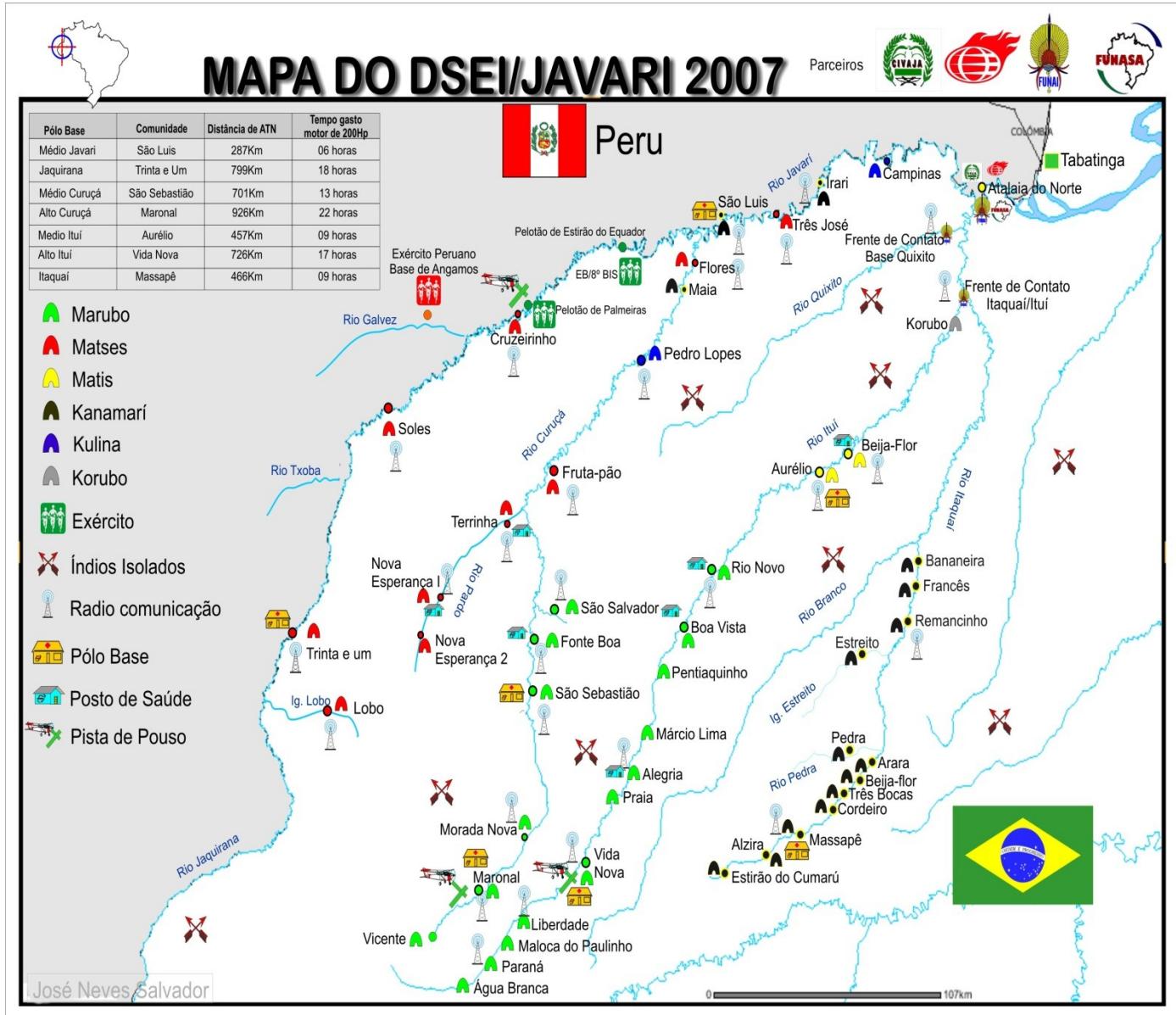


Figura 3 – Mapa das Comunidades Indígenas do Vale do Javari.

Fonte: Retirado do Distrito Sanitário Especial Indígena – DSEI, do Vale do Javari. FUNASA, 2007.

O povo Marubo, tal como hoje constituído, parece resultar da reorganização de sociedades indígenas dizimadas e fragmentadas por caucheiros e seringueiros no auge do período da borracha. Mas esse movimento de dispersão e reagrupamento pode remontar a tempos mais antigos, como sugerem nomes de seções Marubo em outros povos vizinhos. (MELATTI; MONTAGNER MELATTI, 1975).

4.2 CONSTRUÇÃO CULTURAL E SOCIAL DOS MARUBO.

Os Marubo localizados na Terra Indígena Vale do Javari que abrange os territórios municipais de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Jutaí, São Paulo de Olivença, Eirunepé e Ipixuna onde se localização atualmente nos rios Ituí e Curuçá, tendo em vista seus aspectos históricos populacionais deste povo sistematizei um quadro que explicará sua trajetória cronológica populacional desde os primeiros trabalhos etnográficos de Julio Cesar Melatti na década de 70, depois com organizações não governamentais na década de 80 até o ano de 2009.

Os caminhos visíveis e os invisíveis na relação do dentro e do fora dos Marubo nos remonta a construção cultural e social enquanto um processo contínuo de transformação. O mito *Wenia*² conta como surgiram os homens e como os Marubo aprenderam ao longo de suas vidas importantes itens de sua cultura: “os nomes pessoais e a maneira de transmiti-los, a aplicação de termos de parentesco, a prática do parto, a proibição do incesto, o modo correto de chorar, a comestibilidade da pupunha, a “injeção de sapo”, a origens das plantas, a maneira de cultivá-las, a utilização dos cães.” (MELATTI, 1975, p. 3). O mito Marubo tem várias versões e dependendo do interlocutor pode se transformar, sendo um artifício de sustentabilidade da cultura modificando-se conforme as relações sociais. Sendo que não há consenso na ordem de ocorrência destes episódios místicos, portanto, penumbra variações autônomas, mas não se diferem da estrutura do mito. Ex: Estamos na roça Marubo onde tem vários caminhos que conduzem para a maloca, cada um pode usar o mesmo caminho ou caminhos diferentes com direções diferentes, mas ambos conduzem para uma mesma direção à maloca.

Então, esta discussão dialoga com a geografia e com a mitologia na construção do espaço e do tempo como categorias explicatórias de onde nasceram os Marubo. As

² Segundo Julio Cesar Melatti no seu artigo *Wenia: A Origem Mitológica da cultura Marubo*. Série Antropologia n° 54, 1975. O nome do mito *Wenia* parece dizer “nascer”.

construções culturais e sociais relatadas pelos mitos conduzem um “demorado percurso que iniciou no leste, ao longo de um rio cujo baixo curso é denominado *Noa*, nome atribuído às correntes d’água mais largas e caudalosas que os Marubo conhecem: o Solimões e o Juruá (...). Outra versão do mito assegura que o lugar onde os homens surgiram fica num pé do céu, no oceano atlântico, está mais próxima dos não indígenas” (MELATTI, 1975, p. 4). É possível que seu ponto de partida tenha sido localizado com base no curso dos maiores rios da região. A simetria dos relatos do mito constrói sua organização social e o parentesco na configuração da sua própria realidade, diversificando e classificando os componentes certos para construção cultural e social Marubo.

“É pela mitologia que os Marúbo descrevem o Universo e contam como se formou. De um modo geral, os seres são sempre feitos de partes de outros seres, a começar pela superfície terrestre, composta de partes moles dos corpos de animais mortos, enrijecidas pelos seus ossos. Também a água dos rios e os seus peixes são feitos a partir de outros seres, bem como os vegetais da floresta. Do mesmo modo surgiram as plantas cultivadas, segundo um dos três diferentes mitos que contam sua origem. O Universo se compõe de várias camadas, as superiores chamadas céus e as inferiores, terras. É na terra que está acima das demais, a da Névoa, que vivem os seres humanos.” (MELATTI, 1998 *apud* ISA, 2009).

A cosmologia Marubo é bastante ampla e complexa precisa ser analisada especificamente para uma melhor compreensão. O universo é constituído de várias camadas, superiores e inferiores. Foram feitas pelos ancestrais que saíram do fundo da terra. Os principais personagens míticos da criação do universo foram *Cana Boã* e *Cana Mari*, os responsáveis pela formação desta estrutura e de seu povoamento. No inicio do mundo, não havia terra, como relata o mito de sua criação, *Mai Bana*, mas apenas fumaça e vento. *Cana Boã* foi o primeiro que fez a terra e *Cana Mari* completou sua obra. As camadas inferiores, de baixo, foram “plantadas”, por *Pecasréa*, *Mai Txäta*, *Mai Boã* e *Coi Boã*, povoando-as com muitos seres. (MONTAGNER, 1985).

As seções surgem do chão sucessivamente e, ao que parece de buracos diferentes. O aparecimento de cada seção é muito semelhante dos demais: as flores de um vegetal, pedacinhos de seu tronco picados ou roídos por algum animal, penas ou fezes de uma ave, ou outros fragmentos, se espalham pelo chão, às vezes movidos pelo vento. Dentro do chão, por debaixo desse material assim espalhado, os membros da seção começam a gemer. E saem por um buraco, subindo por uma escada de ossos de anta. Os membros de cada seção afloram com seus adornos. Estas camadas têm todas as mesmas denominações, diferindo apenas pelo primeiro termo, que é o nome da seção cujos membros a utilizam. Por exemplo: *Vari* – seção dos *Varináwavo*; *Awá* (*anta*); *Shao* (*osso*). Do buraco de onde sai cada seção raramente se dá o nome, como *Shane* – seção dos *Shanenáwavo*. (MELATTI, 1975).

As narrativas do mito *Wenia*, além de fazer alusão ao surgimento de algumas seções, citando-lhes adornos, líderes, chegada ao *Noa Mató Wetsa*³. Conta como as seções vão encontrando certos seres: vegetais, animais, lagos – que falam ou cantam, onde são enviadas as mulheres para se comunicar com estes seres. O mito explica sumariamente o encontro certo vegetais, cujos frutos ordena-se a uma velha que experimente. Como caso da pupunha comestível a velha experimenta várias espécies de pupunha até encontrar a verdadeira pupunha comestível e, o mesmo acontece com a “injeção de sapo” – experimenta várias espécies de sapo até encontrar a certa, sendo que é uma expressão regional para uma técnica, não exclusiva dos Marubo, que cura preguiça e panema, outros grupos étnicos da família Pano e Katukina utilizam. Consiste na aplicação da secreção de uma perereca que os Marubo chamam de *Kāpo*, a secreção das costas da perereca é retirada e guardada sobre uma espátula de madeira, envolvida em folhas. Para aplicá-la, é preciso primeiro queimar a pele com duas pontas em brasa de cipó titica, uma do lado da outra, a pele queimada é retirada ficando dois pequenos círculos em carne viva. Depois o pajé ou cacique retira com a ponta da faca a secreção da espátula de madeira e coloca nas duas queimaduras. A pessoa que toma esta

³ Um lugar “campo” para onde se dirigem as seções recém saídas do chão, ou no percurso para o mesmo.

“injeção de sapo” logo em seguida tem enjôo e começa a vomitar, para passar o feito tem que tomar banho no rio ou igarapé.

Os Marubo procuram estabelecer boas relações com os seres que encontram aplicando termos de parentesco a vegetais e outros seres, Delvair Montagner (1985, p, 37) mostra como os termos de parentesco Marubo se distribuem em quatro conjuntos, de modo coerente com a existência de seções.

Segundo Montagner (1985). A terminologia do parentesco está em consonância com a regra matrimonial, segundo a qual o homem deve se casar com a filha do *Koka*, isto é, entre outras, a prima cruzada matrilateral. Quando alguém casa fora da regra matrimonial, dizem que é “casamento errado”, o que influenciar no destino da alma do morto.

Os termos de parentesco se aplicam segundo essa alternância de gerações. Um integrante da “Gente da Saracura” tem sua mãe na “Gente de Arara Vermelha” e chamara de “mãe” a todas as outras mulheres desta seção.

Os nomes pessoais são transmitidos geralmente dentro da mesma seção por gerações alternadas. Uma pessoa recebe vários nomes pessoais durante a vida: quando engatinha, na puberdade e, por último, é chamado por tecnonímia. Os termos tecnonímicos são fornecidos sem relutância ao pesquisador, ao passo que os outros nomes não são pronunciados facilmente. A tecnonímia aplicada a um homem corresponde ao nome de um filho ou filha seguindo da partícula *Pa* (pai; e a mulher, acrescenta o *Ewa* (mãe) ao nomes do filhos. Os outros nomes pessoais podem vir precedidos da denominação da seção a que pertence o seu portador (*Bari, Shane e outros*). (MONTAGNER, 1985, p. 40)

Um dos episódios do mito *Wénia* é a travessia do rio sobre um grande jacaré que tinha a cabeça numa das margens e a ponta da cauda na outra. Os líderes que conduziram os Marubo fizeram com que aqueles que cometiam atos incestuosos ficassem para o fim e quando estes caminhavam sobre o jacaré, aqueles os abateram, caindo na água. Os Marubo

dizem que foram eles que atravessaram a ponte-jacaré e os que ficaram para traz eram os Katukina – pano. Aplicando o conceito de Lévi-Strauss (1993) marca a passagem do estado natural para o estado social – construção da primeira regra (norma).

As malocas se fixam em lugares elevados – terra firme, geralmente em cima de grandes barrancos. Em torno da maloca se estendem as roças e depois delas, a floresta. A maloca tem um formato hexagonal, com dois lados opostos bem mais compridos que os demais, sendo circundada coberta de folhas de jarina. A maloca possui duas portas, uma na frente e outra na outra extremidade nos fundos, sendo que a principal onde se encontra o *aco*⁴, e os dois bancos de paxiúba onde fazem as refeições, sessões xamânicas (normalmente à noite), conversão e recebem os visitantes é utilizada como entrada pelos homens visitantes e pelos ocupantes masculinos da maloca que ficam perto desta porta. A outra porta, a secundária, é utilizada pelo pessoal que reside nesta extremidade ou pelas mulheres visitantes, entrada das mulheres na maloca. (MELATTI, 1975).

A construção da maloca é feita por homens e meninos da aldeia, ajudados normalmente por homens de outras aldeias. As colunas de sustentação interna as amarrações de cipó nas madeiras possuem nomes próprios.

Há um mito que relata como aprenderam a construir a maloca e outros artefatos utilitários. Narra que *Bimi* saiu para flechar passarinho azul para fazer cocar. *Bimi* subiu no pau, esperando para matar passarinho quando viu uma anta passando na beira do rio que tinha um remanso grande. A anta parou e olhou a água por um tempo e depois mexeu na água. A anta viu a moça. A anta saiu à praia namorando a moça. *Bimi* olhava sentado na forquilha da árvore. O rapaz animou-se e foi experimentar também. *Bimi* mexeu a água e olhou para a praia esperando a moça aparecer do fundo da água. *Bimi* puxou pela ponta do cabelo e subiu a praia para conversar e perguntou seu nome *Machi Masre* (urucu da praia), acabando a

⁴ Instrumento musical semelhante ao trocano, construído de um tronco de madeira com uma cavidade retangular profunda. Utilizado nas festas ou em convites para refeições e ritos.

conversa ela segurou o cabelo dele e pulou na água juntos logo quando pulou na água viu a maloca. Viu também o pai de *Machi Masre* que mandou deixá-lo de volta para sua filha, então a filha disse que iria casar com ele junto com sua irmã, apareceram os cunhados *Batõ* (peixe piau), o *Tono* (mandim) e os demais peixes. Aprendeu a arrumar maloca, peneira, banco, panela, paneiro, pente, flecha, arco e a cobrir de palha a maloca. Ele passou aí três anos. O jacaré pai de *Machi Masre* falou com *Bimi* disse: que teu pai ia me matar se não devolve-se você, então *Bimi* deixou suas mulheres e voltou para a casa de seus pais. E contou-lhes o que tinha acontecido com ele no fundo d'água e ensinou tudo que tinha aprendido a fazer maloca, panela, etc., o pai aprendeu a fazer tudo que o filho tinha ensinado tinha passado três anos *Bimi* falou a seu pai que ia embora, o pai não queria que o filho fosse ai *Bimi* disse: vou pegar meu pente que tinha me esquecido, o pai amarrou uma corda comprida nas costas de *Bimi* ele caiu na água, quando chegou ao fundo e encontrou a casa bateu *aco*. *Bimi* gostou de ficar com seu filho e nunca mais subiu para a casa de seu pai. (MELATTI, 1975).

A maloca representa o simbolismo Marubo na manutenção das práticas culturais e na sua organização social, tanto seu aspecto místico quanto físico esboçam a segurança e comunhão com os parentes. É o lugar sagrado onde se cura, trabalha, come, dorme, realizam-se festas, rituais, etc.

A maloca abriga várias famílias sob liderança do dono da mesma. Sendo estes homens podem se casar com as irmãs de suas mulheres, com ele pode morar o irmão de sua esposa, filhos casados com suas filhas. Onde cada mulher e seus filhos ocupam um lugar quadrado dentro da maloca onde dispõem suas redes que mantém um fogo de cozinha perto deles. O homem que tem mais de uma mulher pode esta ora no espaço de uma ora no espaço da outra. As mulheres comem no centro da maloca sentadas em esteiras sobre o chão. Os homens comem nos dois bancos compridos que fazem um corredor, nas conversas noturnas quando

cheiram rapé (tabaco em pó para cheirar) e *ayahuasca* - *Banisteriopsis caapi* (bebida que é um alucinógeno utilizado pelo pajé nas práticas xamânicas).

Os Marubo são divididos em clãs⁵, neste caso a linha de descendência dos Marubo é a matrilinear⁶. Desse modo, os heróis mitológicos pertencem aos mesmos clãs que os homens atuais, os clãs Marubo são exogâmicos⁷, sendo que atualmente existem nove clãs Marubo, mas no passado foram mais. (MELATTI, 1975; RICARDO, 1981; MONTAGNER, 1985).

Segundo Montagner (1985), as seções se decompõem nas seguintes:

- A – Shanenáwabo (povo azul ou verde) e Isconáwabo (povo do Japu);
- B – Barináwabo (povo do sol) e Isconáwabo ou Tamaoábo (flor da árvore);
- C – Txonabo (povo do macaco barrigudo) e Isconáwabo ou Sronoíscobo (japu da samaúma);
- D – Srāwábo (povo da arara vermelha) e Isconáwabo ou Txascõnáwabo (povo da saracura);
- E – Satanáwabo (povo da lontrinha ou ariranha) e Isconáwabo ou Robonáwabo (povo do japu do bico Branco);
- F – Nináwabo (povo da floresta) e Ranenáwabo (povo das contas);
- G – Nináwabo e Inonáwabo (povo da onça pintada);
- H – Waníbo (povo da pupunha) e Camänáwabo (povo da onça) ou Coronáwabo (povo verde escuro ou raposa: coro cama);
- I – Cananáwabo (povo da arara amarela) e Inonáwabo;
- J – Chaináwabo (povo do passarinho) e Yenenáwabo (povo da cigarra) – extinta;
- K – Nináwabo e Nomanáwabo (povo do pombo ribeirinho) – extinta.

Algumas denominações aparecem em mais de uma unidade matrilinear, mas são seções distintas: Isconáwabo aparece em cinco unidades diferentes; Nináwabo aparece em três.

⁵ Diz-se que são clãs por que são categorias em que se classificam as pessoas segundo uma regra de descendência baseada em uma só linha.

⁶ Cada homem ou mulher pertence sempre ao clã de sua mãe.

⁷ Uma pessoa nunca pode ter cônjuge pertencente ao seu próprio clã, casa-se para fora com outro clã.

A roça (*wai*) está bem próxima da maloca, as mulheres são responsáveis pela coleta dos alimentos e da lenha. A roça abastece cada família, mesmo se for o caso do homem com várias mulheres. Quando há excedente a dona da roça permite que a outra mulher se abasteça. Encontram-se as roças situadas num só local, numa clareira, tendo cada família seu pedaço já estipulado, rapaz solteiro e viúvo não tem roça. A derrubada é feita pelos homens da maloca e às vezes da maloca vizinha. O plantio da roça é variado de plantas: banana, macaxeira, milho, batata doce, cará, pupunha, abacaxi, cana, mamão, pimenta, etc., (MELATTI; MONTAGNER, 1975). O plantio de plantas medicinais e folhas de tabaco ficam próximos da maloca.

A caça é muito apreciada pelos Marubo, atualmente utilização espingarda e cartuchos para matarem animais comestíveis. Há caçada é coletiva juntando geralmente três homens de malocas próximas, jovens e crianças acompanham na caçada. Os animais caçados são: macaco-preto e barrigudo, paca, anta nambu, mutum, jacu, tatu, caititu, queixada, jabuti. Quando a caça é grande convida a aldeia próxima para vir comê-la. (METATTI, MONTAGNER, 1975).

É freqüente a coleta de pequenos peixes por mulheres e crianças. As mulheres saem em pequenos grupos para pescarem nos igarapés, longe da maloca. Preparam um veneno *uaca*, cultivado ao redor da maloca, que é pisado (por homem ou mulher) e misturado com terra, sendo a massa carregada em cestos e jogada na água. Os peixes ficam perturbados e começam a boiar e quando se faz a coleta. No verão quando o rio esta seco é a melhor época para pescar, os homens com anzol, linha e fecha trazem peixes maiores. Pescam tracajá e tartaruga e colhem ovos destes nas praias. (MELATTI, MONTAGNER, 1975). Em algumas comunidades Marubo fazem a festa do ovo de tracajá e tartaruga uma das suas principais alimentações.

Os Marubo usam diariamente grande parte de seus adornos corporais, que são distribuídos pelo corpo segundo padrões culturais estabelecidos. As maiorias destes enfeites são de conchas de caramujos aruá (nobo), cuja confecção pelas mulheres é demorada e tem um período de tempo para fazer a coleta das conchas. Deste material se faz pulseira para homens (largas) e mulheres (finas); cordão – pulseira (uso feminino); braçadeiras largas para homens e finas para mulheres; faixa frontal amarrada no occipício; cordão que passa pelo septo nasal e atrás das orelhas; collar-gargantilha; colar transpassado no peito; cordão usado abaixo do quadris (mulheres e crianças); cordão tornozoleiras (uso feminino). Todos estes adornos são usados em dias festivos. (MONTAGNER, 1985).

Usam também alguns enfeites de coco de pupunha, muru-muru e tucum, também confeccionados pelas mulheres usam a mesma técnica do aruá. Fazem pulseiras, cordões, e colares de contas de plásticos. Os adornos de diferentes qualidades são usados simultaneamente, havendo preferência que as crianças se enfeitem com miçangas, contas de plásticos por que são mais resistentes que as de caramujo.

A pintura corporal Marubo é feita com jenipapo e urucu formando desenhos geométricos que são efetuadas pelas mulheres. Estas pinturas representam um significado simbólico que explicam as relações sociais entre eles, além da proteção do jenipapo e do urucu. Os adornos e pinturas corporais são instrumentos de identificação da identidade étnica e sua representação social.

Os ritos sociais Marubo “que participam um grande número de pessoas, normalmente realizadas no período das chuvas, quando as pessoas ficam mais fixas nas malocas.” (MONTAGNER, 1985, p. 44). É costume Marubo a realização simultânea de rituais. O rito da colheita do milho, rito xamânico, introdução de um novo trocano na maloca, inauguração de uma maloca nova, rito Betsa é servido muita caiçuma de mandioca o rito só acaba quando termina o estoque da bebida. Todos estes ritos esta em torno da maloca. Por isso que é

interessante a permanência da construção da maloca que envolve todos os aspectos culturais deste povo, eliminando a maloca o grupo está eliminando sua própria cultura.

“As camadas celestes e terrestres são representadas por uma faixa de terra, assim como esta em que vivemos. Elas são sustentadas pelo vento do céu, que tem muita força. Este vento é mais forte do que o que sopra aqui na terra. O vento é um elemento constante na cultura Marubo, o que faz o xamã voar quando em transe, que ajuda a eliminar a doença no corpo do enfermo e a esfriar o seu corpo. É bebendo ayahuasca e aspirando rapé que o curador fica leve, podendo sua alma flutuar e voar, indo atrás da alma do doente.” (MONTAGNER, 1985, p. 60)

Os Marubo acreditam na existência de inúmeros espíritos, eles distribuem em três categorias: Yobé; Yochi; Bacá. São nomes próprios que não tem uma tradução para o português. Para “nós” existe a crença numa categoria de espírito, na concepção cristã só existe um único espírito para uma única pessoa. Segundo os Marubo, têm vários espíritos.

A alma do lado direito é chamada comumente numa conservação, de Bacá, mas se esta for transformada no caminho do perigo, em obstáculo, é chamada de Yochi. A alma do lado esquerdo é chamada de Yochi, quando após a morte de uma pessoa permanece nesta terra. Os Yobé são uma replica dos Marubo possui vistos como yora (gente) e tendo vida social. Os Yobé são espíritos curadores que eliminam ou neutralizam a ação nefasta dos Yochi. (MONTAGNER, 1985).

“A doença é de origem sobrenatural, espontânea ou intencional, provocada pelos yochi de seres humanos, vegetais, animais, minerais e outros. quando a doença é ocasionada pelo yochi de um ser humano falecido, é por que este tem saudades de seus parentes da terra, quando causada por yochi de vegetais e animais, é devido a quebra de restrições alimentares. Um velho contou que a razão dos Marubo do rio Ituí estarem ficando doentes, é por que hoje em dia eles não estão guardando os tabus alimentares. Quando a doença é causada por yochi de minerais e de outros seres é devido a ruptura de regras sociais ou morais.” (MONTAGNER, 1985, p. 169).

A doença esta relacionada com a quentura, elevação da temperatura do corpo (febre), que provoca dor. A cura esta relacionada ao frio volta à temperatura normal do corpo,

significando ausência de enfermidade dele. É por isso que os cânticos de cura os curadores chamam o frio de diversos vegetais para a doença sair do corpo.

O pajé (romeaya) controla as manifestações dos espíritos, caindo em estados controlados de transe em circunstâncias apropriadas. Em Marubo rome significa tabaco e romeoa a sua flor, portanto, a figura do pajé está relacionada com o pé de tabaco, que cujas folhas de faz o rapé ingrediente indispensável no estado de transe. Nem sempre os cânticos de cura ou a ação do pajé em transe obtém êxito, mas nem por isso são desconsiderados ou desacreditados pelo grupo, devido aos efeitos sociais paralelos provenientes dos ritos.

Os mitos dos Marubo em sua língua materna são chamados de *Saiti* – o que vim a traduzir como “cantos-místicos” (WERLANG, 2001), é uma festa inter comunitária é um evento saliente nas suas vidas sociais. Por ser música, *Saiti* é um encontro que envolve corpos e almas. Para cada “corpo” existem várias almas que em sua integração definem o conceito de humanidade implícito em *yora* – gente.

Os cantos-mitos *Saiti* representam uma dualidade de entes transformantes na medida em que são inflexões latentes, almas e corpos Marubo mantêm entre si relações ambíguas. Os corpos e almas Marubo na verdade mudam ao longo do tempo em resposta a dinâmica espaço-temporal das almas cósmicas. Os Marubo dizem que, mediante convites musicais durante as sessões *yobé* vem visitar o corpo do pajé, a morada das almas xamânicas, para fazer dela uma habitação transitória. As almas Marubo sempre se tornam reais através das cordas vocais corporais que vibram em simpatia musical quando sob o estímulo de uma voz *yobé* exógena espiritual e animal, sobrenatural e animal, corpos e almas se fundem na atualidade da música. (WERLANG, 2001).

A relação da musicalidade no mito referi-se ao diálogo e reconhecimento da ligação corpo e alma no mantimento da vida do povo Marubo suas relações sociais, na saúde, educação e normas morais. Para os Marubo cantar significa ao mesmo tempo incorporar

diferenças e “ex-corporar” parecença com o mundo de dentro dele, isto é, com animais, plantas, ou coisas. O discurso mítico musical no interior da maloca estabelece a humanidade, a voz humana é ao mesmo tempo autoconstituição e compartilhar cósmico. Os pajés enxergam múltiplas perspectivas e sentem múltiplos corpos unicamente por que podem exteriorizar a multi vocalidade implícita nos seres humanos, este é um dom que vem dos espíritos yobé. O mundo Marubo está em continua tradução como se fora um desempenho musical. “o cantador marubo é tido como um gravador: seu canto é um playback duma narrativa exógena” (WERLANG, 2001, p. 17).

A cultura Marubo está numa simetria com a natureza sempre no diálogo de uma reflexão de dentro e do fora como compostos antagônicos, mas que se unem para consolidar o equilíbrio da humanidade. Os cânticos-míticos elaboram e re-elaboram a realidade conforme suas relações sociais e contextos históricos. Sua dinâmica na construção de ensinamentos e normas para conduzir a simetria do corpo e da alma.

QUADRO POPULACIONAL HISTÓRICO DO POVO MARUBO

ANO	FONTE	POPULAÇÃO MARUBO
1975	Julio Cesar Melatti – CEDI, 1981, p. 40	397
1978	Julio Cesar Melatti – CEDI, 1981, p. 40	462
1985	Levantamento populacional por Silvio Cavuscens e Lino João de O. Neves. Povos Indígenas do Brasil – Campanha Javari, CIMI/OPAN, Equipes Indigenistas das Prelazias do Alto Solimões e Tefé, 1986, p. 24	594
1994	Pastoral Indigenista/FUNASA. In: Povos Indígenas no Brasil. ISA, 1991/95, p. 335	960
1995/96	Povos indígenas no Brasil. Javari. ISA, 1996/2000, p. 428	795
1999/2000	Equipe de saúde contratada pelo CIVAJA. In: Povos indígenas no Brasil. Javari. ISA, 1996/2000, p. 428	1.043
2006	Povos indígenas no Brasil. Javari. ISA, 2001/2005.	1.252
maio/2009	DSEI-JAVARI. Levantamento do 2º senso do Professor. 2009.	1.156

O quadro mostra um expressivo aumento populacional da década de 70 do século passado até o ano de 2006, depois tem uma queda brusca da população Marubo. Devido o estado de emergência do Vale do Javari a situação da saúde a cada dia piora e cada vez mais índios estão morrendo e os órgãos públicos omissos a esta fatalidade. Hilton S. Nascimento -CTI e Deyse Cuecas Paredes – médica do município de Benjamin Constant, 2006. Fizeram um artigo intitulado “A grave epidemia de hepatite B e D no Vale do Javari”. Apresentam a situação a grave contaminação por hepatite B no Vale do Javari é um problema antigo. Há mais de 13 anos, em 1993, já se tem documentos falando de mortes por esta hepatite na região (FUNAI, 1998 *apud* NASCIMENTO; PAREDES, 2006). A região amazônica é considerada

uma das mais importantes áreas de endemicidade do vírus da hepatite B e D no mundo. “A hepatite B é uma doença causada por um vírus e é transmitida principalmente por contato sexual, por contato com sangue contaminado ou da mãe para o filho durante o nascimento. É 10 vezes mais contaminante que o vírus da Aids (...).” (VARALDO, 2005 *apud* NASCIMENTO; PAREDES, 2006).

O novo período de mortes que se iniciou em 2001 na aldeia Marubo do rio Novo com 3 mortes em menos de um mês. Em 2002, ocorreu mais uma morte nesta aldeia. Em 2003, 17 pessoas morreram. Duas aldeias (rio novo no Ituí e São Sebastião no rio Curuçá) mudaram de lugar na esperança de fugir da doença e do êxodo de jovens para a cidade de Atalaia do Norte. Entre junho de 2001 e janeiro de 2004, 22 pessoas morreram. Destes 68% eram Marubo do rio Ituí e Curuçá. (NASCIMENTO; PAREDES, 2006).

Apesar de tantas mortes o órgão federal responsável ainda não conseguiu romper a cadeia de transmissão da doença complicando as novas gerações do Vale do Javari que não estão a salvo da hepatite e continuam sendo contaminadas.

4.3 LITERATURA MARUBO: RELATOS ETNO-HISTÓRICO E ETNOGRÁFICO.

A história descritiva literária do povo Marubo inicia-se logo após a ocupação do Vale do Javari na exploração do caucho (*Castilla ulei*) e da seringa (*Hevea brasiliensis*) no período que vai de 1870 a 1911 aproximadamente, que se caracteriza a primeira fase do “ contato” com a sociedade envolvente. (MONTAGNER; MELATTI, 1975). Os peruanos eram nômades, exploravam as cabeceiras dos rios Jaquirana/Javari em terra peruana onde haviam acabado com o caucho nestes rios, e depois desceram os rios à procura do caucho em território brasileiro nos rios médio Ituí, Alto Itaquaí e Alto Curuçá – sendo este vegetal de terra firme que era derrubado para extraírem o látex. Os brasileiros de características sedentárias principalmente nordestinos e ribeirinhos amazônicos subiam os rios Curuçá, Ituí e Itaquaí em busca da seringueira – árvore mais freqüente na várzea e, que não era abatida, bastando fazer-lhe incisões no tronco para extraírem o látex. Apesar da grande movimentação na região do Vale do Javari de caucheiros - peruanos e seringueiros - brasileiros não havia notícias documentais sobre os grupos indígenas dessa região. Em 1899 a região do Javari estava bem povoada por não indígenas até a confluência do Itaquaí, a navegação era efetuada com regularidade onde estava o povoado *Remate de Males*. Este período é marcado pela desorganização dos grupos étnicos, pela invasão dos seus territórios, doenças, conflitos, dispersão, etc., sendo incorporados ao sistema de aviamento – adiantamento de produtos industrializados na troca de produtos extrativistas da floresta: borracha, caucho, peles de animais silvestres, drogas do sertão. Os Marubo se incorporaram ao sistema de exploração do caucho e da seringa, no entanto, os barracões eram implantados nas calhas dos principais rios do Vale do Javari para realizar a troca. Sendo que esta troca assimétrica não beneficiava os grupos indígenas.

A segunda fase do “contato” no período que vai de 1912 a 1950 aproximadamente, marca a paralisação da extração da borracha, e a evasão dos não indígenas da região. (CEDI, 1981). Poucos “patrões” com o mínimo de recursos tentam manter relações de clientela com os Marubo. Em 1932, a borracha chegava ao seu preço mais baixo, desencadeando assim a retirada dos não indígenas da região. Dessa forma os Marubo não tinham mais relações sociais com os não índios – brasileiros e peruanos. Assim, voltaram a viver distantes destas relações de troca, durante o período de 1930-40. (METATTI, 1975). É possível que neste espaço de tempo os Marubo concentraram-se nas cabeceiras dos rios Curuçá e Ituí, a partir de remanescentes de Povos falantes de línguas da família Pano. Estes remanescentes, dizimados por conflitos internos e, progressivamente, pela pressão das explorações econômicas na região, aglutinaram-se sob a influência de um poderoso xamã (*Romeya*) e chefe (*Kakáya*) chamado João Tuxáua passa a reunir os povos dispersos sob a perspectiva do parentesco e do xamanismo: faz com que as pessoas deixem de guerrear entre si e as estimula a adotar um sistema baseado no trabalho em grandes roçados, na elaboração de grandes festivais e no aprendizado de um vasto conhecimento mitológico e xamanístico. (CESARINO, 2008). Hoje João Tuxáua é considerado pelos Marubo quase um herói mítico.

A exploração da madeira inicia-se simultaneamente após a queda dos preços da borracha e a evasão dos caucheiros e seringueiros do Vale do Javari, em 1921, desceram as primeiras toras de madeiras desses rios, era uma balsa com aproximadamente 1.500 toras que descia do Jaquirana, com elas vinham 300 (trezentas) famílias sendo a maior parte de caucheiros. Mais é em 1945 que a exploração de madeira no Vale do Javari toma seu ápice com uma serraria em Atalaia do Norte e quatro serrarias em Benjamin Constant, com uma produção anual em média de 15.000 toras o equivalente a 10.000 m³, sendo 10.000 de cedro e 5.000 distribuídas entre mogno que representa 10% da produção e madeira branca. No ano de 1974, a produção foi superior à normal, pois só uma empresa produziu 18.000 toras.

(MONTAGNER; MELATTI, 1975). A produção da madeira se faz segundo o mesmo sistema de relações de trabalho herdado do ciclo da borracha que já estava no seu fim com uma produção insignificante.

“‘Marubo’ é uma invenção, uma denominação atribuída a um conjunto de remanescentes de diversos povos falantes de línguas Pano. Não pode ser compreendido como uma ‘totalidade’.” (CESARINO, 2008, p. 15). A formação cultural e social dos Marubo expressa à multiplicidade de relações sociais na conjuntura da diversidade cultural de vários grupos étnicos remanescentes da região do Vale do Javari, contudo, na formação étnica “os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social.” (BARTH, 1998, p. 193). A etnicidade como uma célula viva que esta em constante transformação onde não tem um núcleo, mas tem camadas diferentes que se unem e se separam na medida das relações sociais com outros grupos étnicos. Conforme o jogo de interesse de cada grupo e seu sentimento de pertença é construído socialmente sua identidade. Não tem ingenuidade na identidade étnica.

A terceira fase do “contato” no período de 1950 a 1970 aproximadamente, devido à falta de produtos industrializados procuraram os não indígenas na direção sul na fronteira estadual entre Amazonas e Acre, nas confluências do rio Ipixuna com o rio Juruá no Seringal Boa Fé, vendendo pelas de borracha e couros de animais. Essa relação econômica atraiu a Missão Novas Tribos do Brasil que tem contato com os Marubo desde 1952, na comunidade Vida Nova no rio Ituí que até hoje mantém relações sociais com os Marubo aprendendo sua língua para fazer a tradução da Bíblia Sagrada para a língua materna Marubo. Na década de 50 houve muitas fugas de seringueiros e madeireiros da área, que diziam “atacados” por índios. Em 1960, os Marubo são atacados pelos Mayuruna (Matsés) brasileiros, nas proximidades da boca do igarapé Santa Clara, no rio Curuçá. Mataram duas pessoas e raptaram três mulheres. Esta incursão provocou um resíduo dos Marubo, que fizeram uma expedição que mataram aproximadamente 14 Mayuruna com armas de fogo. Após o choque,

parte dos Marubo se deslocou para o alto Ituí. A partir da década de 70 os Marubo são assistidos pela FUNAI que cria PIA frentes de atração no rio Ituí destinada ao Matis, que era também acompanhado pelos Marubo. No rio Curuçá PIA destinada ao igarapé Pedro Lopes e do São Salvador, em 1974, cria PIA Curuçá para os Marubo, onde houve uma campanha destinada a atrair os Marubo para os postos. A partir da presença mais efetiva da FUNAI nos médios rios Ituí e Curuçá, a interdição dos altos cursos aos regatões, assim, entra em choque com os interesses Marubo em venderem madeira e borracha. (MONTAGENER; MELATTI, 1975). Outros problemas: como a construção da BR-307, estrada Perimetral Norte que ligará Benjamin Constant a Cruzeiro do Sul onde passará pelos os rios Curuça e Javari, provavelmente passando pelos territórios dos índios “isolados”, hoje a construção desta estrada está paralisada; as pesquisas da Petrobrás na região do Vale do Javari que invadiram os territórios indígenas e causaram conflitos e mortes de ambos os lados. (CEDI, 1984).

As descrições referentes aos Marubo iniciam-se com trabalhos etnográficos Delvair Montagner Melatti (1975, 1981, 1985, 1992); Júlio Cesar Melatti (1975, 1985, 1992); Carlos Alberto Ricardo - CEDI (1981); Raquel Guimarães Costa (1992, 2002); Guilherme Werlang Couto (2001); Javier Ruedas (2002, 2003) esta etnografia não deu para ler por que está em inglês e, atualmente esta fazendo uma pesquisa de campo com os Marubo na comunidade Maronal no alto rio Curuçá; Pedro Cesarino (2008); Elena Welper está atualmente conduzindo uma pesquisa de doutorado sobre a etno-história e a morfologia social Marubo.

Os primeiros relatos referentes ao Povo Marubo deva ter sido incorporado com uma subdivisão Mayuruna (RICARDO, 1981). Assim, chamados os índios que se encontravam nas cabeceiras dos rios. Este termo Mayuruna era atribuído aos índios desta região que não se encontravam nas margens dos rios, mas dentro da mata, que porventura, generalizava a diversidade étnica e lingüística desta imensa região. Curt Nimuendajú sita os Marubo no seu Mapa Etno-histórico (1987), sem data.

O contexto das relações interétnicas no Vale do Javari é complexo pela diversidade étnica e de atores sociais (indígenas e não indígenas) envolvidos na rede de relações do movimento indígena na região. A articulação do movimento indígena no Vale do Javari, iniciada nos fins da década de 80, envolveu grupos já contatados, como os Marubo, Mayuruna (Matsés), Kanamary, Kulina e Matis. (MATOS, 2006).

Uma nova fase do movimento indígena iniciou-se com a promulgação da Constituição Brasileira de 1988, com a nova Constituição, obteve-se o reconhecimento legal da organização social indígena e do direito dos índios, suas comunidades e organizações de ingressarem, como partes legítimas, em juízo em defesa de seus direitos e interesses (Os Artigos 231 e 232, Título VIII e Capítulo VIII da Constituição da República Federativa do Brasil – 1988), o que provocou mudanças de orientação na atuação política dos indígenas no campo das relações interétnicas. Uma vez assegurado o direito indígena à terra na Constituição, abriu-se espaço para outras preocupações emergirem com maior força reivindicativa, como, por exemplo, a proteção dos territórios e a sustentabilidade socioeconômica dos grupos indígenas na sociedade nacional.

O Conselho Indígena do Vale do Javari - CIVAJA foi criado em 1991, por lideranças Marubo, Mayuruna (Matsés), Kanamary e Kulina presentes no I Encontro dos Povos Indígenas do Vale do Javari, realizado na cidade de Atalaia do Norte. O Encontro foi organizado por jovens lideranças Marubo, com apoio da Pastoral Indigenista da Diocese do Alto Solimões, da OPAN e do CIMI. Criada como entidade de representação política, o CIVAJA articulou o movimento indígena regional, pressionando a FUNAI e outros órgãos governamentais com reivindicações relativas a terra, saúde e educação, além de demandar projetos econômicos alternativos para os povos indígenas. (MATOS, 2006).

Foi no processo de regularização da Terra Indígena Vale do Javari, por exemplo, que grupos indígenas de maior contato passaram a conceber sua territorialidade em comum com

os indígenas “isolados”. Neste sentido o processo de regularização da terra indígena consiste em etapas distintas de: identificação, delimitação, demarcação física, homologação e registro (no Cartório Imobiliário da comarca pertinente e na Secretaria do Patrimônio da União do Ministério da Fazenda). Este processo no Vale do Javari foi laborioso e conflituoso com a sociedade local. Várias denuncias de invasões, massacres e exploração dos recursos naturais desencadeados pela CAMPANHA JAVARI – CEDI/ISA/OPAN/CIMI e Equipes das Prelazias de do Alto Solimões e Tefé: de 1981 a 2000, mostravam a realidade dos povos indígenas do Vale do Javari, com ação alternativa de apoio a estes índios, propondo a retirada dos invasores da Terra Indígena Vale do Javari; a agilização do processo de identificação e demarcação definitiva da Terra Indígena; elaboração de uma política indigenista particular voltada para os índios desta região; a divulgação da realidade educação, saúde e fiscalização do Vale do Javari e, a situação dos “isolados”.

O movimento indígena no Vale do Javari fortaleceu-se com a criação do CIVAJA, principalmente na sua fase de consolidação. A organização indígena foi responsável por consolidar articulações entre diversas etnias do Vale do Javari. Conflitos intertribais e interclânicos cederam com o trabalho político de aproximação dos grupos, realizado por líderes do CIVAJA (na época, jovens líderes). O CIVAJA foi fundamental para o fortalecimento do movimento indígena no Vale do Javari, justamente por ser o mediador e o articulador da rede de relações entre os grupos, além de atuar na mediação das relações dos indígenas com a sociedade e Estado nacionais, principalmente neste momento pela demarcação da Terra Indígena Vale do Javari. (MATOS, 2006).

O reconhecimento dessa terra como área contínua consumiu anos de campanha e engajamento por parte dos índios e de seus parceiros. Várias propostas de delimitação foram elaboradas. A primeira, de 1969, previa a criação de um Parque Nacional, localizado entre os rios Ituí e Itaquai, que incluiria apenas a área de ocupação de dois povos indígenas. Em 1972,

com superfície de 6.908.000 hectares, abrangendo as áreas dos rios Javari, Curuçá, Ituí e Itaquaí. Pelo sertanista Sebastião Amâncio surgiu pela primeira vez uma proposta que abrangia os territórios de todos os povos indígenas da região. Mas esta caiu no esquecimento, sendo retomada pela FUNAI apenas em 1980.

O primeiro Grupo de Trabalho foi constituído em 1980 na coordenação da antropóloga Delvair Montagner Melatti, cuja proposta foi à criação do Parque Indígena do Vale do Javari, com superfície de 5.800.000 hectares. O Parque abrangeia as áreas de ocupação dos principais povos indígenas contatados da região e a área de alguns dos grupos “isolados”, sobre os quais se tinha algum conhecimento.

Em 1984, reuniram-se convededores da região do Javari em um Grupo de Estudos, criado para fornecer maiores informações sobre a área indígena. O Grupo de Estudos sugeriu a interdição da área do Javari para impedir a continuidade das invasões enquanto os trabalhos de regularização prosseguissem.

Foram feitos outros dois levantamentos etnográficos, realizados em 1985 e em 1995/96, cujas propostas indicaram a demarcação de um território único, abrangendo as áreas de ocupação, os povos localizados nas bacias dos rios Javari, Jutaí e Jandiatuba.

O antropólogo Wálter Coutinho Jr., Coordenador do Grupo Técnico da FUNAI (GT PP 0174/95 e 158/96), foi quem realizou o último re-estudo da Terra indígena Vale do Javari, no período de 1995 a 1996. O Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Vale do Javari, apresentado por Walter no ano de 1998, recuperou os esforços anteriores realizados para delimitar a área. Como, por exemplo, os trabalhos de pesquisas de Delvair Melatti e Julio Cezar Melatti, iniciados na década de 70. (RICARDO, 1981).

O Resumo do Relatório foi publicado no Diário Oficial da União em 29 de maio de 1998 e no Diário Oficial do Estado do Amazonas em 08 de junho de 1998. A finalização do processo de identificação e delimitação da terra indígena ocorreu em 11 de dezembro de 1998,

por meio da Portaria Declaratória nº 818, do Ministro da Justiça Renan Calheiros, reconhecendo a área delimitada de 8.519.800 hectares, (na demarcação física: 8.544.482,2728 hectares) localizadas nos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Jutaí e São Paulo de Olivença. A FUNAI realizou a demarcação física da Terra Indígena Vale do Javari, em 2000, por meio do Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal (PPTAL), executado pelo próprio órgão indigenista governamental com apoio financeiro do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7).

A Terra Indígena do Vale do Javari foi homologada pelo Decreto de Homologação publicado em 02 de maio de 2001 e registrada no SPU em 31 de julho de 2002, é a segunda maior T. I. do Brasil. Estas são as últimas etapas do processo de regularização de terras indígenas, cuja execução das ações (homologação e Registro no SPU) é de competência exclusiva do Governo Federal.

“O processo histórico de contato ajuda a compreender, por exemplo, a participação destacada de indígenas da etnia Marubo na articulação do movimento indígena no Vale do Javari e as constantes indicações e eleições de Marubo para cargos na coordenação do CIVAJA.” (MATOS, 2006, p. 52).

Os Marubo por terem maior tempo de “contato” com a sociedade envolvente que os demais grupos étnicos do Vale do Javari, articularam o movimento indígena e tiveram um papel importante na coordenação do CIVAJA, foram considerados mentores do movimento indígena no Vale do Javari, mas com ajuda as outras etnias formaram as teias de relações socioculturais para lutarem pelos seus direitos constituídos na Constituição Federal do Brasil de 1998. Atualmente o Conselho Indígena do Vale do Javari – CIVAJA fora modificado pela União dos Povos Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA, na 9º Assembléia Geral dos povos

Indígenas do Vale do Javari na comunidade Beija Flor da etnia Matis no rio Ituí, no ano de 2008.

A demarcação da Terra Indígena garantiu o direito constitucional, entretanto, paralelo ao processo de regularização fundiária não se desenvolveu uma política de sustentabilidade que permitisse garantir a vida e a cultura das comunidades e populações indígenas. Esta região se encontra no descaso e omissão dos Órgãos competentes na questão da saúde, educação, fiscalização do território e planos de etnodesenvolvimento para os grupos étnicos.

Participante de várias reuniões no CIVAJA/UNIVAJA desde 2007 no município de Atalaia do Norte; na comunidade Marubo de São Sebastião no médio rio Curuçá, na I ASSEMBLÉIA DOS POVOS INDÍGENAS DO MÉDIO RIO JAVARI, CURUÇÁ E JAQUIRANA, da Associação Marúbo de São Sebastião – AMAS, nos dias 29 a 31 de outubro de 2007; da I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA – REGIONAL DO ALTO SOLIMÕES E VALE DO JAVARI, nos dias 11 a 14 de maio de 2009, no município de Tabatinga no Centro de Formação Frei Ciro Aprígio, e do I SEMINÁRIO: SAÚDE E GESTÃO TERRITORIAL E APROVEITAMENTO SUSTENTÁVEL DO VALE DO JAVARI, no auditório da Administração Executiva Regional da FUNAI/ATN/AM, nos dias 11 a 14 de junho de 2009. Tive algumas experiências a respeito sobre o referido povo Marubo e contato com outras etnias do Vale do Javari como: Matsés (Mayuruna), Matis, Kulina estes da família lingüística Pano e Kanamary da família lingüística Katukína onde participei do I FESTIVAL CULTURAL INDÍGENA KANAMARY DO VALE DO JAVARI, na comunidade Remansinho no rio Itaquaiá, promovido pela Associação Kanamary do Vale do Javari – AKAVAJA, nos dias 19 a 22 de dezembro de 2008.

O I Festival Cultural Kanamary que fora exclusivamente para reafirmação de práticas culturais do povo Kanamary do Vale do Javari onde ganharam recursos financeiros do Prêmio

Cultural do Ministério da Cultura para realização do mesmo. Na apresentação de brincadeiras tradicionais; cânticos Kanamary: *Pidá, Rai-Rai, Kuranã*; danças tradicionais; práticas xamânicas. E na divisão do trabalho que aparece a gentileza e humanidade diferente do pensamento capitalista de acumular e explorar os outros. Reúnem-se de manhã bem cedo no terreiro que fica no centro da comunidade para distribuição das tarefas: homens e mulheres separados em círculos dialogam como vai ser a distribuição do trabalho. Os homens ficam responsáveis pela pesca e caça. As mulheres retiram da roça a mandioca para fazer caiçuma, comida e, logo que chegam os pescadores e caçadores com os mantimentos são divididos para cada família/casa os peixes, macaco, porco do mato, etc., quando a pescaria e a caça foram bem sucedidas faz uma confraternização numa casa aberta de palha para todos da comunidade comer. Em uma pescaria com os Kanamary no dia 20 de dezembro de 2008, em um igarapé que nunca tinha visto igual com água transparente, pedras pretas, com 3 metros de profundidade parecia uma fenda no meio da mata, foi neste lugar que um Kanamary deu-me um nome indígena *Wuyah* – que perguntando dos mais velhos diziam ser de um grupo do Juruá chamado Bem D’japa do clã catitu. Dizem que são os índios Kanamary de estatura mais alta. Os Kanamary migraram do Juruá para esta região do Vale do Javari.

As reuniões, seminários e conferências têm suas ações no movimento político indígena do Vale do Javari as particularidades de cada evento se fundem para o contexto geral das demandas dos povos indígenas desta região. Os Marubo sendo os articuladores destes encontros junto com outros grupos étnicos do Vale do Javari na preocupação da fiscalização do Território Indígena, na educação, na saúde, nos projetos de etnodesenvolvimento na procura de suas autonomias perante o Estado Nacional.

Nestas reuniões no CIVAJA/UNIVAJA discutem no geral as estratégias das viagens para as Assembléias; Festivais comunitários; eventos na cidade de Atalaia do Norte; planejamentos: sobre educação, saúde, fiscalização da Terra Indígena, projetos de

etnidesenvolvimento sustentáveis; articulações com os parceiros, colaboradores e lideranças indígenas do Vale do Javari; e etc. O movimento indígena do Vale do Javari tem sua particularidade no contexto da diversidade étnica e cultural desta região, sobretudo, nas suas articulações com as diferentes etnias na formação de um composto social extremadamente fortalecido pela sua diversidade na conquista de suas demandas. As ações políticas do movimento indígena em termos gerais estão associadas nas Associações formais e as lideranças tradicionais (caciques) dos diversos grupos étnicos, por exemplo: Associação Marubo de São Sebastião – AMAS, no médio rio Curuçá, na comunidade de São Sebastião da etnia Marubo; Associação de desenvolvimento comunitário – ASDEC, no alto rio Curuçá, na comunidade Maronal da etnia Marubo; Associação de moradores indígenas de Atalaia do Norte – AMIATAN, na cidade de Atalaia do Norte, na direção de Pedro Comapa da etnia Marubo; Associação Indígena Marubo da Aldeia São Salvador – AIMASS, no médio rio Curuçá, na comunidade São Salvador da etnia Marubo; Associação Kanamary do Vale do Javari – AKAVAJA, que abrange todas as comunidades Kanamary do Vale do Javari, da etnia Kanamary; e Associação Indígena Matis – AIMA, no médio rio Ituí da etnia Matis. São referências para que os projetos cheguem até as suas comunidades locais. Sendo que estas Associações se fundem na União dos Povos Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA, para lutar por seus direitos constituídos na constituição federal brasileira 1988. Esta associação geral dos povos indígenas do Vale do Javari tem como objetivos:

“Articular os povos indígenas e comunidades indígenas para a conquista de seus direitos originários; conscientizar os povos e comunidades indígenas para a sua autodeterminação; lutar pela demarcação e garantia dos territórios indígenas segundo seus interesses; estimular a preservação das tradições culturais dos povos, incentivar a economia tradicional e alternativa, educação bilíngüe bem como as medicinas tradicionais em conjunto com os povos e comunidades do Vale do Javari; Aliança com povos que sobrevivem da floresta.” (Estatuto – CIVAJA, 1995 *apud* MATOS, 2006, p. 261).

A consolidação da união dos povos indígenas do Vale do Javari trouxe consigo conquistas e novos desafios no atual contexto histórico. A formação das Associações dos diferentes grupos étnicos vem em sinal à formalidade jurídica de cada povo dialogar com ONGs, FUNAI, FUNASA, Estado Nacional, Estadual e Municipal, no fortalecimento do movimento indígena. Os povos indígenas do Vale do Javari buscam sua autonomia participando das decisões políticas, econômicas e organizacionais numa simetria de poder.

Na I Assembléia dos Povos Indígenas do Médio Rio Javari, Curuçá e Jaquirana, da Associação Marúbo de São Sebastião – AMAS, nos dias 29 a 31 de outubro de 2007, com o Tema: “Definição de novas estratégias de proteção e fiscalização territorial elaborando plano em coletividade e participativa com as lideranças indígenas habitantes do limite de fronteira”, com apoio: CGDDI – FUNAI/ATN – PDPI/COIAB – FEPI – CIVAJA e participação da UFAM/INC/BCO. Participante do projeto de extensão: ASSESSORIA ÀS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO VALE DO JAVARI, coordenador Prof. Rodrigo Braga Reis, tive o primeiro contato com os grupos étnicos desta região. Os participantes da Assembléia são: Cacique Said Reis Marubo da comunidade São Sebastião; Cacique João Aurélio Marubo da comunidade São Sebastião; Raimundo Nascimento Marubo presidente da AMAS, da comunidade São Sebastião; Everton Oliveira secretário da AIMAS da comunidade São Sebastião; Clovis Marubo coordenador do CIVAJA, da comunidade São Sebastião; André Mayuruna vice-coordenador do CIVAJA; Jorge Marubo presidente do CONDISI da comunidade São Sebastião; Rosa dos Anjos representante da FEPI; Prof. Rodrigo Braga Reis professor da UFAM e coordenador do projeto de extensão Assessoria as Organizações Indígenas do Vale do Javari; Nilvo Favretto da equipe itinerante do CIMI; Professora Francisca representante da FUNAI/ATN; a comunidade de São Sebastião estava envolvida com as atividades da Assembléia. Vieram Caciques Marubo do Maronal: Mario Barbosa, Suzana Domingos; Horácio Marubo representante da comunidade Marubo São Salvador;

Aldair Kanamary representante da comunidade Kanamary de São Luiz e, Caciques Mayuruna (Matsés); Manoel Jacaré da comunidade Mayuruna Terrinha, Raul e Antônio da comunidade Mayuruna Nova Esperança; além dos alunos de Antropologia e participantes do projeto de extensão: Moisés Solimões Paiva Pinheiro, Almério Alves Wadick, Lilian Débora Furtado, Evelin Tiffany Cornélio Rodrigues e eu – Neon Solimões Paiva Pinheiro e entre outros indígenas Marubo, Mayuruna (Matsés), Kanamary.

O cacique João Aurélio da comunidade Marubo de São Sebastião diz que a busca de alternativa econômica, partiu da AMAS. Diz que tem preocupação é com a saúde dos povos indígenas com hepatite, o que está sendo discutido entre pajés e lideranças comunitárias para buscar outras soluções por ser uma doença mortal, não tem cura então à solução é tentar outras formas de tratamentos usando os conhecimentos de medicina tradicional das etnias aqui presentes como Marúbo, Mayuruna e Kanamary.

Cacique Said da comunidade Marubo São Sebastião está muito preocupado pela falta de apoio para desenvolvimento de auto-sustentabilidade, portanto, esta assembléia trouxe uma luz, que daqui precisa esclarecer para todos discutindo a realidade cada comunidade e apresentar o potencial de cada sub-região.

André Mayuruna vice-coordenador do CIVAJA afirma que continuará engajado no movimento indígena, porque está preocupado com a situação que os povos indígenas vêm enfrentando na luta pela defesa dos direitos a: saúde, educação, auto-sustentabilidade e a fiscalização territorial.

Clovis Marubo coordenador do CIVAJA falou que o mais importante é às comunidades iniciar a sua própria vigilância e não ter que esperar muito pela FUNAI, considerando que a área é demarcada para nós vivermos dentro e usufruir dela, que nós mesmos temos que cuidar da nossa terra.

Antônio Mayuruna da comunidade Nova Esperança – diz que o povo Mayuruna ainda existe e são forte para lutar.

Raul Mayuruna seja criado o posto de fiscalização e controle na boca do rio Pardo e Curuçá. Ele falou que na área de fronteira se torna mais perigoso e falou do sofrimento dos seus parentes no rio Jaquirana e disse que por isso tem de preservar a nossa terra todos juntos Marúbo, Mayuruna, Kanamary e Kulina, por que no Peru a caça e a pesca foram extermínadas por pescadores e caçadores, nossa terra não pode ficar assim que nem as terras peruanas têm que colocar postos de fiscalização “para preservar a nossa terra e nossos lagos que isso vai servir para nós e nossos filhos para o futuro deles.”⁸

Na Assembléia teve várias discussões e identificação dos problemas referentes à educação, saúde, proteção da Terra Indígena, alternativas econômicas. Foi dividido dois grupos de trabalho para apresentarem as propostas dos problemas levantados. Em modo geral as propostas dos dois grupos são bem parecidas conforme suas demandas das comunidades de cada grupo étnico. **As propostas na Saúde:** Saneamento Básico nas comunidades e a conclusão dos poços já perfurada e a capacitação de AISAN; Agilidade nas remoções dos pacientes, e transporte adequado e equipado para essa remoção; Combate eficiente na prevenção da malaria e Hepatite e equipamento de termonebolização e capacitação de agentes de endemias; Construção do Posto de Saúde e Farmácia; Melhoria do meio de comunicação – Radio; Permanência de auxiliar, técnico e enfermeiro na Aldeia. A lotação seja consultada pelas comunidades indígenas; Dois deslizadores: um para a comunidade de Nova Esperança e outro para a comunidade de São Sebastião; **Na fiscalização do território:** Construção e estruturação com equipamento do posto de fiscalização do Rio Pardo e Curuçá, para que os próprios indígenas fazem controle e preserve a área, para fins de reprodução de alevinos e

⁸ Os depoimentos dos caciques e lideranças indígenas foram extraídos da Ata da I – Assembléia dos Povos Indígenas do Médio rio Javari, Curuçá e Jaquirana, da Associação Marúbo de São Sebastião – AMAS, nos dias 29 a 31 de outubro de 2007.

quelônios; Embarcação equipada com radio móvel e motor 13HP, e motor de 60 HP com canoa de alumínio, para fazer vigilância dos igarapés do médio rio Curuçá e Javari; Cobrar da FUNAI, a retirada dos pescadores, caçadores e madeireiros quando tiverem na área indígena para proteção dos rios e as florestas danificadas pelos invasores peruanos; **Na educação:** Construção de 03 escolas apropriada (19 x 8m, meia parede, telada e forrada, para comunidades maiores das sub-regiões do médio rio Javari, Curuçá e Jaquirana, para funcionamento do ensino fundamental de 5^a a 8^a série, e garantir a Merenda escolar para as crianças); Aceleração do curso de Formação dos professores separados por etnia, respeitando a diversidade étnica dos povos indígenas: Kulina, Marúbo, Mayuruna e Kanamary; Trabalhar na educação indígena de acordo com sua cultura, a fim de resgatar e proteger a cultura dos povos indígenas; Acelerar o curso de dos professores, garantindo a eles o transporte para Educação escolar na sub-região do Javari, Curuçá e Jaquirana; Criar o centro de para atender as crianças órfãs, garantindo as crianças à educação e cuidado a saúde; **Alternativas Econômicas:** Manejo de lagos natural e curso de capacitação para os interessados, como meio de incentivo as comunidades; Articulação para conseguir barco com motor 13 HP para escoamento de produção; Produção de farinha (construção e estruturação da casa de farinha); Construção de um local apropriado para a criação de galinha caipira.

Na I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA –
REGIONAL DO ALTO SOLIMÕES E VALE DO JAVARI, nos dias 11 a 14 de maio de
2009, no município de Tabatinga no Centro de Formação Frei Ciro Aprígio com a
participação de lideranças tradicionais dos povos indígenas do Alto Solimões. (Tikuna,
Kokama, Kambeba, Marubo, Mayuruna (Matsés), Matis, Kanamary, entre outros grupos
étnicos desta região além do movimento indígena, Instituições de ensino UEA, UFAM,
comissão nacional de educação escolar indígena, Secretarias Estadual e Municipais, FUNAI,
FUNASA, etc.

A discussão estava centrada nos temas: Educação Escolar, Territorialidade, Autonomia dos povos indígenas, práticas pedagógicas indígenas, Diretrizes para educação escolar indígena, políticas da educação escolar indígena.

Foi dividido por grupos de trabalho para problematizar os referidos temas para exposição no plenário. Cobrar com que as leis existentes sejam cumpridas.

A última atividade da conferência foi à eleição dos delegados para conferência Nacional em Brasília e aprovação do documento final.

Na cidade de Atalaia do Norte no dia 21 de abril de 2009 teve uma pré-conferência para elaboração dos problemas e necessidades educacionais do Vale do Javari. A reunião sobre Educação Indígena do Vale do Javari no auditório da FUNAI/ATN, contou com a participação de lideranças indígenas Marubo, Matis, Mayuruna (Matsés), Kanamary; Organizações não governamentais como: UNIVAJA, ASASEVAJA, CTI; UFAM, FUNAI, Secretaria Municipal de Educação de ATN, Secretaria Municipal de Assuntos Indígenas de ATN, Assistente Social de ATN e representantes de Associações indígenas do Vale do Javari: AMAS, ASDEC, AIMA, AMASS, AKAVAJA.

A discussão sobre o tema da educação foi bastante amplo na medida da complexidade lingüística e cultural desta região. Pensar a educação indígena a partir da base indígena do Vale do Javari de seus interesses para contribuir e fortalecer o desenvolvimento das suas culturas. O grupo étnico que elabora as diretrizes e planejamentos para qual tipo de educação desejar a partir da constituição de 88, que garante sua educação diferenciada (tem que ser do jeito do povo indígena) do ponto de vista da realidade e aspectos culturais de cada povo. Reconhecer a diversidade étnica do Vale do Javari para construir uma educação de qualidade conforme as demandas das comunidades. Ao respeito à diversidade étnica desenvolver projetos pedagógicos conforme a demanda de cada etnia desenvolvendo uma simetria de saberes no Vale do Javari.

No I SEMINÁRIO: SAÚDE E GESTÃO TERRITORIAL E APROVEITAMENTO SUSTENTÁVEL DO VALE DO JAVARI, no auditório da Administração Executiva Regional da FUNAI/ATN/AM, nos dias 11 a 14 de junho de 2009. Contou com a participação de representantes da FUNAI, UFAM, CTI, CIMI, Frente de Proteção Etno-ambiental, Exército Brasileiro - 8ºBIS, União dos Povos Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA e suas associações regionais: AMAS, ASDEC, AKAVAJA, AIMASS, AIMA, AMIATAN e as lideranças indígenas comunitárias. Na coordenação do evento o Professor Dr. Juan Carlos Peña Marquez que levantou a proposta na II Assembléia da AMAS no médio rio Curuçá na comunidade de São Sebastião nos dias 16 a 21 de setembro de 2008. A intenção do seminário foi de levantar um diagnóstico da realidade do Vale do Javari.

A metodologia seguida na confecção de mapas do território que foram divididos em 07 (sete) grupos de trabalho por sub-regiões de calhas de rios. Os grupos foram: *Médio Javari* com os grupos étnicos Mayuruna (Matsés) e Kanamary; *Médio Ituí* com os grupos Marubo e Matis; *Rio Jaquirana* com o grupo étnico Mayuruna (Matsés); *Médio Curuçá* com o grupo étnico Marubo; *Alto Curuçá* com o grupo étnico Marubo; *Alto Ituí* com o grupo étnico Marubo e *Rio Itaquai* com o grupo étnico Kanamary. Cada grupo de trabalho desenhe seu território (cartografia social) discutindo suas preocupações referentes à saúde, educação, território, sistemas econômicos fazendo uma matriz sobre suas potencialidades e dificuldades encontradas dentro do seu território.

Na reunião foi diagnosticado que a falta de educação básica, de assistência à saúde, fiscalização do território indígena, de alternativas econômicas bem como a busca por benefícios sociais, como aposentadorias e outros, motivam o aumento do fluxo para as cidades. Esse deslocamento potencializa os vetores epidemiológicos, agravando ainda mais o quadro de saúde indígena no Vale do Javari.

Os povos indígenas têm relação de assimetria com os órgãos FUNAI, FUNASA, Governos: Federal, Estadual e Municipal cujo não participam das tomadas de decisões referentes ao seu território, educação, saúde, alternativas econômicas.

Este seminário destaca nosso potencial organizacional e autonomia, práticas de subsistência, cultura, economia em busca de atender as demandas das nossas comunidades, e propõe alternativas que venham a fortalecer o desenvolvimento sustentável e geração de renda.

Este trabalho marca uma nova fase da relação dos povos Indígenas com as Instituições FUNAI, FUNASA e o Estado Nacional de forma geral para obter uma resposta às nossas demandas, no intuito de que elas venham fortalecer o que temos identificado como potencialidades no conhecimento e manejo tradicional das nossas culturas e nosso território.

A situação de saúde do Vale do Javari é dramática e caracteriza-se por epidemias de hepatites A, B, C e D, malária, filariose, tuberculose e outras graves enfermidades, o que é confirmado por levantamentos realizados entre os povos Kanamary, Kulina Pano, Marubo, Matis, Matsés e Korubo, nos últimos anos. Este quadro acentua a fragilidade da Terra Indígena em que habitam vários povos indígenas autônomos, razão pela qual fazem um chamado de URGÊNCIA para o atendimento de suas reivindicações.

Os povos indígenas do Vale do Javari protestam com razão pela omissão e ausência dos órgãos responsáveis pelo descaso que se encontra a saúde principalmente, educação, fiscalização do território indígena, alternativas econômicas que possam garantir e fortalecer a diversidade étnica desta região. Então, é necessário que a sociedade conheça e tomem medidas para este *genocídio silencioso* que esta acontecendo no Vale do Javari.

5. RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÕES

Este projeto ocupou-se da apresentação dos dados bibliográficos obtidos na pesquisa, durante 12 (doze) meses de trabalho, juntamente com a sistematização das informações, fichamentos e análise etnológica das fontes. O objetivo desta pesquisa é fazer uma leitura crítica da etnologia Marubo, através do levantamento bibliográfico e documental numa perspectiva etno-histórica. Depois da leitura e fichamentos das fontes procedeu-se a sistematização das bibliografias lidas para inserir a informação no CD-ROM. No intuito de orientar futuros estudos sobre a história desse povo e sobre a etnologia indígena na Amazônia.

Iniciamos com identificação das fontes, leituras, fichamentos e análise crítica, realizadas nos arquivos pessoais do colega de turma e amigo Almério Alves Wadick; na Biblioteca do Instituto Natureza e Cultura - INC, Benjamin Constant; na Biblioteca Municipal de Benjamin Constant; nos arquivos do Centro de Trabalho Indigenista – CTI em Tabatinga, e na internet; nos bancos de dados eletrônicos: tese, artigos, entrevistas, comentários e dissertações das Universidades do Brasil, Peru e Colômbia; na Biblioteca da Universidade Nacional da Colômbia e; na Biblioteca do Banco da República em Letícia/Colômbia. Entre as fontes encontradas destacam-se os trabalhos produzidos pelos antropólogos brasileiros Júlio Cesar Melatti e Delvair Montagner Melatti que são os decanos na pesquisa etnográfica entre os Marubo na década de 70 e 80 do século passado.

Umas das dificuldades foi não encontrar materiais etno-históricos antes das primeiras pesquisas etnográficas, buscamos referência na obra de Herbert Baldus – Uma bibliografia crítica da etnologia brasileira 1954, e não tinha referência específica sobre o povo Marubo.

Procuramos referências bibliográficas do povo Marubo nos países: Peru e Colômbia na Biblioteca da Universidade Nacional da Colômbia sede Letícia e; na Biblioteca do Banco da República em Letícia/Colômbia e em sites universitários pela internet destes países, sendo

que não encontramos nenhuma referência bibliográfica referente a este povo. Devido, a impossibilidade de procurar nos centros antropológicos de Lima – Peru e Bogotá – Colômbia.

São algumas fontes que não temos conhecimento, e por outro lado de estarmos longe dos grandes centros universitários e da baixa quantidade de livros de Antropologia na Biblioteca do Instituto Natureza e Cultura, fomos à internet em busca de fontes e bibliografias que tivesse o foco a cultura Marubo. O que fica claro, é que do período de início da extração da borracha no Vale do Javari de 1870 até o período de início dos trabalhos etnográficos dos Melatti 1974, existe um vazio documental dos relatos sobre este povo. Alguns destes fatos podem ser caracterizados pela unificação dos povos remanescentes da família pano nesta região.

As relações sociais dos Marubo se expandem entre os povos Pano e Katukina da bacia do Javari, entre peruanos na fronteira e brasileiros nas cidades próximas. Os Marubo ao longo dos tempos vêm se organizando em organizações formais como Associações e Conselhos, que são formas de diálogo com as políticas do Estado nacional, estadual e municipal.

Esta pesquisa se caracteriza na área de História Indígena, no levantamento de informações para análise etnológica contribuindo na formação de sociedade autônoma e de corroborar para a crise de saúde e educação, sendo que coloca a região no centro do debate etnológico sobre o interesse da produção científica. Esperamos assim, poder contribuir para o avanço para o conhecimento e realidade deste povo.

A importância da análise etnológica e da atualização dos estudos referentes a este povo conduz para o reavivamento e fortalecimento dos aspectos culturais e sociais na simbologia da interação do *ethos*, e da diversidade étnica desta região. As relações de diálogo entre Antropólogos, Universidade com os povos indígenas na procura de encontrar saídas para os problemas de saúde, educação, alternativas econômicas, fiscalização da Terra

Indígena do Vale do Javari, mas também para reconhecer a diversidade cultural que estes povos conservam.

As fontes analisadas de modo geral apresentam características descritivas da cultura Marubo, embora não tenha encontrado referências anteriores dos primeiros escritos etnográficos e nem nos países vizinhos Colômbia e Peru, encontrei várias referências de cunho antropológico que apresentam teorias e métodos diferenciados de observar e analisar o interlocutor, além da vasta descrição antropológica da cultura Marubo que estes autores nos fornecem.

Os trabalhos dos antropólogos Julio Cesar Melatti e Delvair Montagner Melatti na década de 70 e 80 do século XX, são os primeiros trabalhos antropológicos sobre este povo onde representam uma corrente teórica Estrutural de Claudio Lévi-Strauss que explica seu objeto pela forma estrutural muito próximo das ciências exatas. Explicam os aspectos culturais como fórmulas elaboradas e sistematizadas de compreensão. Elaboram e estudam os aspectos culturais: parentesco, mitologia, cosmologia, organização social, etc. Onde formam as estruturas culturais deste povo com seus elementos sociais elementares.

Raquel Guimarães R. Costa trabalha na década de 90 do século XX, com os aspectos lingüísticos na fonologia e morfologia da língua Marubo numa abordagem tipológico – funcional na busca de padrões rítmicos para as formas nominais e verbais e também da descrição e formação de palavras e do sistema de marcação de caso nos artifícios utilizados pela língua nas alterações rítmicas.

Guilherme Werlang Couto estuda no final do século XX para o inicio do século XXI as noções de “corpo” e “alma” numa perspectiva universalista da ontologia indígena. Os cantos-mito *saiti* representam uma dualidade de entes transformantes de almas e corpos na qual mudam ao longo do tempo na relação dinâmica espaço-temporal das almas cósmicas. As

almas Marubo se tornam reais através das cordas vocais corporais que vibram em simpatia musical.

Pedro de Niemeyer Cesarino trabalha em 2008 o xamanismo e a mitologia na tradução de exemplares das artes verbais Marubo. A poética Marubo se desenvolve no uso de metáforas rituais e de sistema de classificação na articulação do amplo sistema de pensamento sobre multiplicidade e de pessoa o que constitui uma maneira de pensar o mundo e a alteridade.

Além dos trabalhos das ONG's: CEDI, OPAN, CTI, ISA que vem produzindo conhecimento sobre este povo revela o descaso e a preocupação com a saúde e a educação que ainda não melhoraram. Estas tiveram papéis importantes na luta com o movimento indígena na procura de qualidade de vida para estas pessoas. Além dos trabalhos de assistencialismo trabalham também com a capacitação de professores e lideranças deste grupo indígena e os demais grupos. A MNTB que vem trabalhando com os Marubo desde a década de 50 no rio Ituí principalmente na aldeia Vida Nova aprendendo a língua para fazer a tradução da Bíblia Sagrada para língua materna.

Assim, estes textos, autores e organizações apresentam na sua particularidade uma forma de observar o “outro” na sua perspectiva e no seu interesse político, econômico, social de compreender e favorecer os aspectos sociais deste grupo indígena. Na perspectiva etnológica de compreender o “dentro” e o “fora” da cultura Marubo através do levantamento bibliográfico nos levou a concepção que a cultura esta no processo contínuo de transformação e que as relações sociais são os responsáveis.

6. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDUS, Herbert. Bibliografia crítica da etnologia brasileira. São Paulo: Editora São Nicolau. Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti; MORAES, Suely Oliveira. Guia para normalização de relatórios técnicos científicos. Versão Final. Manaus: EDUA, 2003.

CARVAJAL, Gaspar de; ROJAS, Alonso de e ACUNÃ, Cristobal de. Descobrimento do Rio das Amazonas. Traduzido e anotado por C. de Melo Leitão. Rio Janeiro: Editora Nacional, 1941. (Série 5 - Brasiliana - Vol. 203).

CAMPANHA JAVARI. Povos Indígenas do Vale do Javari. CIMI – OPAN - Equipes Indígenas das Prelazias do Alto Solimões e Tefé. Manaus: 1986.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. Babel da Floresta, cidades dos brancos? Um povo indígena no trânsito entre dois mundos. Disponível em http://novosestudos.vol.com.br/acervo/acervo_artigo.asp?Acesso em 02 de março de 2009.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. Oniska. A poética da morte e do mundo entre os Marubo da Amazônia ocidental. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGAS, Museu Nacional, 2008. Disponível no site: <http://www.trabalhoindigenista.org.com.br>. acesso: 12/02/2009.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. In: A sociedade contra o Estado – pesquisas de Antropologia política. Tradução Theo Santiago, São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 207 – 234.

CLASTRES, Pierre. A questão do poder nas sociedades primitivas. In: Arqueologia da violência – pesquisas de Antropologia política. Tradução Paulo Neves, São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 145 – 151.

COSTA, Raquel Guimarães R. Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. (Dissertação de Mestrado).

COSTA, Raquel Guimarães R. Interações entre restrições em Marubo (Pano). Revista da ABRALIN, vol.01, n°1, 2002. p. 11-34. Disponível no site: <http://www.abralin.org/revista/rv1n1/artigo1.pdf>. acesso 28/04/2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). História dos Índios no Brasil. 2^a edição. São Paulo: Companhia de Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1998.

ERIKSON, Philippe. "A onomástica Matis é amazônica?" In: E. Viveiros de Castro & M. Carneiro da Cunha, eds., Amazônia: etnologia e história indígena. São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 1993, p. 323-338.

ERIKSON, Philippe. Uma singular pluralidade – A etno-história Pano. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). História dos Índios no Brasil. 2^a edição. São Paulo: Companhia de Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1998.

FRITZ, Samuel. O Diário do padre Samuel Fritz. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Introdução e nota de Rodolfo Gracia. RJ: 81, 1917.

FRITZ, Samuel. Mapa geographica del rio Marañon ó Amazonas, 1691.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Coleção Antropologia Social. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

IBGE. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional. Pró-memória. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. p. 94.

ISA. Povo Marubo. São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.socioambiental.org.br/povo_marubo. Acesso em 21 de outubro de 2008.

JAVARI. Povos Indígenas do Brasil. Aconteceu Especial 15. São Paulo: CEDI, 1984.

JAVARI. Povos Indígenas do Brasil. Aconteceu Especial 17. São Paulo: CEDI, 1985/1986.

JAVARI. Povos Indígenas do Brasil. Aconteceu Especial 18. São Paulo: CEDI, 1987/88/89/90.

JAVARI. Povos Indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental. São Paulo: CEDI, 1996/2000.

JAVARI. Povos Indígenas do Brasil. Instituto Socioambiental. São Paulo: Pastoral Indigenista da Diocese do Alto Solimões, 1991/1995.

JAVARI. Povos Indígenas no Brasil. 2001/2005. Instituto Socioambiental. São Paulo: ISA, 2006.

LABIAK, Araci Maria; NEVES, Lino João de Oliveira. A Petrobrás e os Arredios do Itaquá e Jandiatuba. "Apocalypse Now", em silêncio. São Paulo: Pastoral Indigenista da Prelazia de Tefé. CIMI, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural Dois. Tradução e coordenação de Maria do Carmo Pandolfo. 4^a edição. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 5^a edição. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1996.

MAPA. DSEI/JAVARI, 2007.

MARCOY, Paul. Quadro histórico e Etnográfico do Alto Amazonas. In: MARCOY, Paul. Viagem pelo Rio Amazonas. Tradução Antônio Porro. 1 ed. em português. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, Editora da Universidade do Amazonas, 2001. p. 179 – 195.

MARQUÉZ, Juan Carlos Peña. Caderno de Campo: Viagem à comunidade indígena Marubo de São Sebastião, na terra indígena do Vale do Javari. II Assembléia da Associação Marubo da Aldeia de São Sebastião no médio Rio Curuça, 2008. (não publicado).

MARUBO: uma tribo na Amazônia. Direção Nilson Araújo. Video Cor, Betacam, 27 min, Produção CPCE, 1991.

MATOS, Maria Helena Ortolan. Rumos do Movimento Indígena no Brasil contemporâneo: experiências exemplares no Vale do Javari. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, 2006. (Tese de Doutorado).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENINOS NUS. Direção Delvair Montagner. Vídeo cor, Betacam São Paulo, 9 min, produção CPCE/UNB, 1995.

RICARDO, Carlos Alberto. (coordenador geral). JAVARI. São Paulo: CEDI (Coleção Povos Indígenas do Brasil), vol. 5, 1981.

MELATTI, Júlio Cesar. Os Índios esquecidos e ameaçados. In: Povos Indígenas no Brasil. São Paulo: CEDI, 1983.

MELATTI, Júlio Cesar. Os Patrões Marubo. In: Anuário Antropológico 83. Direção Roberto Cardoso de Oliveira. Tempo brasileiro. Rio de Janeiro-Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1985. p. 155-198.

MELATTI, Júlio Cesar. Wenía: A origem mitológica da cultura Marubo. Série Antropologia 54, Brasília: UNB, 1975.

MELATTI, Júlio Cesar. Enigmas do corpo e soluções dos panos. In: CORREA, Mariza e LARAIA, Roque de Barros. (orgs.). Roberto Cardoso de Oliveira – Homenagem. Série Antropologia 78, Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

MELATTI, Júlio Cesar; MONTAGNER MELATTI, Delvair. Relatório sobre os índios Marubo. Série Antropologia 13, Brasília: UNB, 1975.

MONTAGNER MELATTI, Delvair. FUNAI no Javari: afinal, existe ou não existe? In: Povos Indígenas do Brasil. São Paulo: CEDI. 1990.

MONTAGNER MELATTI, Delvair. Relatório sobre a eleição da área indígena dos Marubo. In: Projeto de estudo para eleição de áreas indígenas do rio Javari. Brasília: DGPC, 1980. p. 181-201.

MONTAGNER MELATTI, Delvair. O mundo dos espíritos: estudo etnográfico dos ritos de cura Marubo. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Sociais: Universidade de Brasília, 1985.

MONTEIRO, John Manoel. Guia de fontes para a história indígenas e do indigenismo em arquivos brasileiros: acervos das capitais. São Paulo: USP/FAPESP, 1994.

NASCIMENTO, Hilton S. A terra Indígena Vale do Javari e a Fronteira Peruana. Centro de Trabalho Indigenista – CTI, 2006.

NASCIMENTO, Hilton S; PAREDES, Deyce Cuevas. A grave epidemia de hepatite B e D no Vale do Javari. Centro de Trabalho Indigenista – CTI, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. Arqueologia da Amazônia. Coleção Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Cap. 6 - Identidade e estrutura social, Cap. 7 – Etnia e estrutura de classes. In: Enigmas e Soluções. Exercícios de Etnologia e de crítica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.

PORRO, Antonio. O povo das Águas: ensaios de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

POUTIGNAR, Philippe. Teorias da Etnicidade. Segundo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

WERLANG, Guilherme. De Corpo e Alma. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2001.

WHITE, Leslie A. O conceito de cultura. Tradução de Ádila de Araujo Lima. In: Universidade do Brasil. Instituto de Ciências Sociais. Textos de Etnologia. Rio de Janeiro, 1961. p. 18 – 39.

YORANAWA. Gente de verdade. Direção André Luís. Vídeo cor, HI-8/Betacam São Paulo, 17 min. Produção CPCE, COSAI, 1993.

7. CRONOGRAMA

Nº	<i>Descrição</i>	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J
		G	E	U	O	E	A	E	A	B	A	U	U
		O	T	T	V	Z	N	V	R	R	I	N	L
01	Identificação das fontes nos arquivos, internet, bibliotecas da região.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
02	Leitura e fichamentos das fontes.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
03	Elaboração dos relatórios parciais mensais	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
04	Elaboração do relatório parcial					X	X						
05	Elaboração do Resumo e Relatório Final										X	X	
06	Preparação da Apresentação Final para o congresso											X	X

X

O sombreamento de cada quadrante refere-se aos meses e atividades que já foram trabalhadas ao longo da pesquisa.

8. FOTOS



Figura 1 - Termino do mini-curso de Elaboração de Projetos Sociais em Atalaia do Norte na Escola Estadual Pio Veiga, no dia 09/02/2008.



Figura 2 - Coordenador do UNIVAJA na pré-conferência de educação indígena na cidade de Atalaia do Norte no auditório da FUNAI/ATN, no dia 22/04/2009.



Figura 3 - Reunião na sede da UNIVAJA com lideranças indígenas do Vale do Javari no dia 28/06/2008.



Figura 4 - Mesa Redonda no auditório da UFAM/INC/BCO na reflexão do dia do índio no dia 18/04/2008.



Figura 5 - I Festival Cultural indígena do Povo Kanamary na comunidade Remansinho no rio Itaquai no dia 22/12/2008.



Figura 6 - Maloca (*Shovo*) Marubo na Br 307 no quilômetro 08 de Atalaia do Norte a Benjamin Constant.



Figura 7 - Termino da I Assembléia da AMAS, na comunidade São Sebastião do rio Curuçá no dia 30/10/2007.



Figura 8 - Cacique Said Marubo da comunidade de São Sebastião do rio Curuçá no dia 31/10/2007.



Figura 9 - Abertura da I Assembléia da AMAS e a participação de lideranças Marubo no 29/10/2007.



Figura 10 - Coordenador do CIVAJA na I Assembléia da AMAS no dia 30/10/2007.

9. ANEXO

Ficha Bibliográfica**Povo Marubo****Tipo:** L (Livro), D (Dissertação), T (Tese), M (Monografia), A (Artigo), Ma (Mapa)

R (Relatório/ pibic), Cd-rom, Cd - áudio, VHS, DVD, J (Jornal temático)

AE (Arquivos eletrônicos), O (outros) Especificar: _____

Título:

Autor(es):

Local e editora: _____**Data e edição:** _____ **Coleção e volume:** _____**Tradutor:** _____**Região:** (ex: Alto Rio Negro, Médio Solimões, Aldeia Kwatá, Terra Indígena)

Palavras chave: _____**Sinopse:** (da obra ou do pesquisador)

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povos: qual (is) povos que é objeto da obra.

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- () Educação () Saúde () Organização Indígena
() Cultura () Identidade () Língua () Mitos
() Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

Outros:

/ _____

/ _____

/ _____

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: (nome da pessoa que fez o levantamento)

Data: ____ / ____ / ____

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Artigo

Título: *Wenía: A Origem Mitológica da Cultura Marubo*

Autor(es): MELATTI, Júlio Cesar

Local e editora: Brasília: Série Antropologia 54

Data e edição: 1975

Região: Alto Solimões, Atalaia do Norte, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Antropologia; Mitologia; Povo Marubo.

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Este artigo trata do mito Wenía conta como surgiram os homens e como os Marubo aprenderam, ao longo de sua marcha, importantes itens de sua cultura: os nomes pessoais e a maneira de transmiti-los, a aplicação de termos de parentesco, a prática do parto, a proibição do incesto, o modo correto e chorar, a comestibilidade da pupunha, a injeção de sapo, a origem das plantas, a maneira de cultivá-las, a utilização dos cães. Não há um consenso quanto à ordem de ocorrência desses episódios míticos. Compara três versões do mito Wenía – parece dizer “nascer” e de episódios narrados de modo autônomos. Entretanto, os Marubo admitem que o universo se constitui de camadas terrestres e celestes sobrepostas uma as outras. As seções surgem do chão sucessivamente e, ao que parece de buracos diferentes, atingem neste nível onde vivem os homens, chamado Vei Mai, a terra da Nevoa. O primeiro a sair é um líder, de cabelos muito compridos, que chegam até o chão. Os membros de cada seção afloram com seus adornos. Essas escadas têm todas as mesmas denominações, diferindo apenas pelo primeiro termo, que é o nome da seção cujos membros a utilizam. Vari (seção dos Varianáwavo), Awá (anta), Shao (osso), Shane (seção dos Shanenáwavo). A travessia do grande rio sobre uma ponte que é um jacaré esta presente em todas as versões do mito, esta nitidamente expressa à proibição do incesto.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Universidade Nacional de Brasília.

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

www.unb.br/ics/dan/Serie54empdf.pdf

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

(X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura (X) Identidade (X) Língua (X) Mitos
() Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 27/02/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório de pesquisa

Título: Relatório sobre os índios Marubo

Autor(es): MELATTI, Júlio Cesar; MONTAGNER MELATTI, Delvair

Local e editora: Brasília: Série Antropologia 13

Data e edição: 1975

Região: Rio Curuça e Rio Ituí, Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Povo Marubo, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Antropologia; Relatório; Povo Marubo.

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Relatório puramente descritivo, pois constitui um primeiro ordenamento dos dados obtidos sobre a cultura Marubo. Relata temas como: contato interétnico: relação do povo Marubo com a sociedade peruana, brasileira e outros grupos étnicos desta região, levanta informações sobre a ocupação da região do Javari por caucheiros, seringueiros, madeireiros, missionários e depois pelo Estado com a FUNAI; organização social: a maloca (*shobo*) que vivem várias famílias, o mito que relata como apreenderam a construir a maloca, a roça fica próxima da maloca onde as mulheres buscam o mantimento e lenha, a caça é apreciada pelo grupo; ciclo de vida: as crianças dependendo do sexo têm sua competência nas atividades sociais, a menina, muitas vezes, logo quando nasce já esta comprometida a alguém, quando esta maior passar a morar ou não com o noivo, o casamento só é realizado quando a menina se torna moça; cosmologia: os novos seres são formados por pedaços de diversos animais pela agregação ou transformação de partes de seres mortos; magia: o xamanismo é bastante praticado pelos Marubo, pelo *Romeya* (xamã ou pajé), antes do pajé receber espíritos toma ayuasca (*oni*) e aspira muito tabaco (*romewa*) os espíritos só se manifestam a noite dentro da maloca; ritos: rito da colheita do milho, confecção do aco - usado para comunicação, da construção e inauguração da maloca; e sugestões para uma ação indigenista: apresenta metas para ação indigenista, manter as boas condições dos índios se possível melhorar, sendo a demarcação da terra indígena, outro problema a regularização do comércio (regatões) com o não indígena, coloca que talvez seja interessante que os Marubo criem galinha e porcos, com os problemas de saúde sugere a construção de uma pista de pouso no Curuçá.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Universidade Nacional de Brasília.

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

www.unb.br/ics/dan/Serie13empdf.pdf

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

(X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura () Identidade (X) Língua (X) Mitos
() Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 28/08/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Artigo

Título: Os Patrões Marubo

Autor(es): MELATTI, Júlio Cesar

Local e editora: Rio de Janeiro – Fortaleza: Tempo brasileiro.

Data e edição: 1985. **Coleção e volume:** Anuário Antropológico 83; Edições Universidade Federal do Ceará.

Região: Terra Indígena Vale do Javari, Rio Curuça e Rio Ituí, Povo Marubo.

Palavras chave: Vale do Javari, Patrões Marubo, Relações comerciais

Sinopse:

O papel de patrão, claramente associado à situação do contato interétnico, acomoda-se a outros tradicionais na sociedade Marubo. O termo “patrão” refere-se à pessoa que adianta bens de origem industrial, chamados de “mercadorias”, a outras pessoas que lhe devem retribuir com produtos da extração florestal. As relações comerciais entre os Marubo modificaram no eixo da organização social e no parentesco após do contato interétnico. O patrão Lauro Marubo tinha uma relação com os comerciantes de Benjamin Constant, pois este adiantava mercadorias: tecidos, camisas, calças, pólvora, chumbo, cartuchos, pilhas, fósforos, tabaco de rolo, cachaça, sabão, perfumes, etc., para Lauro que por sua vez adiantava para outros índios para extrair seringa e madeira. O patrão Marubo tinha uma casa de madeira “botequim” na aldeia que fazia esta relação de troca.

Localização institucional:

Universidade Federal do Ceará

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação () Saúde (X) Organização Indígena

(X) Cultura () Identidade () Língua () Myths

() Políticas Públicas () Imaginário (X) Simbolismo

Outros: Economia - Relações comerciais

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 12/12/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório Informativo

Título: Aconteceu Especial 17

Autor(es): Javavi. Povos Indígenas do Brasil

Local e editora: São Paulo: CEDI

Data e edição: 1985/86

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra)

Apresenta um quadro de invasões da área indígena Vale do Javari, território Matsés: Rio Jaquirana e afluentes, Rio Pardo e Igarapé Grande – de seringueiros, madeireiros e regatões; território Matis e Korubo: Rio Branco, Rio Ituí e Rio Itaquá - de seringueiros e madeireiros; território dos Índios “isolados” do São José e do Jandiatuba: Rio Itaquá, Igarapé Independente, Igarapé São José – madeireiros; território Marubo: Rio Curuça e Rio Ituí - de seringueiros, madeireiros e regatões; território Kulina: acima e abaixo da confluência do Pardo - de seringueiros e madeireiros; território dos Índios do Quixito: Rio Quixito, Igarapé Esquerdo, Rio Negro e Igarapé Tigre - de seringueiros e madeireiros; território Kanamary: Rio Javari, Rio Itaquá e seus afluentes Uchoa e Pedra e Rio Jutaí - de seringueiros e madeireiros. Comenta sobre os índios “isolados”: Korubo, “Flecheiros”, índios do rio Jandiatuba, Tsohom Djapá e índios da cabeceira do Jutaí.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação () Saúde (X) Organização Indígena

() Cultura () Identidade () Língua () Mytos

(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

Outros: Quadro de invasões

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/10/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Artigo

Título: A grave epidemia de hepatite B e D no Vale do Javari

Autor(es): NASCIMENTO, Hilton S. e PAREDES, Deyce Cuevas.

Local e editora: São Paulo: CTI

Data e edição: 2006

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Os autores comentam o maior problema do Javari após a borracha e a madeira que é a epidemia de hepatite B e D. A hepatite B é uma doença causada por um vírus e é transmitida principalmente pelo sexo onde é 10 vezes mais contaminante que o vírus da Aids. A hepatite D, também chamada de Delta, é um vírus que requer a presença da infecção pela hepatite B para sobreviver. A terra indígena Vale do Javari localizado no sudoeste do estado do Amazonas se situa dentro dessa área de alta endemicidade. A grave contaminação por hepatite B no Vale do Javari é um problema antigo, em 1993 tem documentos informando de mortes por hepatite na região (FUNAI, 1998). Em 1995 houve um surto de mortes com 7 óbitos (ISA, 1995). O novo período de mortes que iniciou em 2001 começou na aldeia Marubo do Rio Novo com 3 mortes em menos de um mês dentro da mesma família. Em 2003, o pior ano desta epidemia recente, 17 pessoas morreram (CTI, 2004). Entre junho de 2001 a janeiro de 2004, 22 pessoas morreram, algumas com hepatite B confirmada outras com os mesmos sintomas e suspeitas destes, 68% eram Marubo do rio Curuçá. (CTI, 2004). A FUNASA se recusa a aceitar esses resultados alegando desconhecer o método utilizado, mesmo tendo sido usado o Elisa, método preconizado pelo Ministério da Saúde. Apesar de tudo isso a FUNASA não consegue romper a cadeia de transmissão da doença. O risco das pessoas contaminadas por hepatite B progredirem para a forma crônica é de 5 a 10% em adultos, mas é de mais de 90% no caso de recém nascidos. Para os portadores crônicos iniciaram-se os procedimentos para o tratamento, mas o remédio além de caro provoca efeitos colaterais fortes como depressão. Para outros a única solução é o transplante e alguns já se encontram na longa e lenta fila de transplante de fígados do Brasil.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

www.trabalhoindigenista.org.br

Povos: Marubo, Matsés, Matis, Kulina

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena

() Cultura () Identidade () Língua () Myths

(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 28/11/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Artigo

Título: A Petrobrás e os arredios do Itaquaí e Jandiatuba. “Apocalypse now”, em silêncio.

Autor(es): LABIAK, Araci Maria; NEVES, Lino João de Oliveira

Local e editora: São Paulo: Povos Indígenas do Brasil - CEDI

Data e edição: 1984,

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra)

Apresenta a discussão da Petrobrás que atua em silêncio invadindo o território de índios arredios na região dos Rios Itaquaí e Jandiatuba com centenas de homens armados da mais alta tecnologia, no avanço de seus trabalhos de prospecção. Com bombas de dinamites que além de serem usadas para as pesquisas sismológicas foram detonadas contra os índios arredios. Houve vários incidentes com trabalhadores da Petrobrás que tinham sido flechados no rio Jandiatuba e também no igarapé São José, afluente do rio Itaquaí. A situação chegou a tal ponto de tensão que as equipes de prospecção recusavam a trabalhar pedindo para serem retirados, mas a Petrobrás tomou medidas de distribuição de grande quantidade de armamentos aos trabalhadores onde cada homem recebia uma espingarda e 20 cartuchos de munição. A partir daí foi implantado um esquema rígido de sigilo, nenhum dado oficial é divulgado sobre os grupos indígenas ou sobre os trabalhos atualmente desenvolvidos. Todo esse sigilo foi quebrado pelo CIMI e pela Survival internacional.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena
() Cultura () Identidade () Língua () Mitos
(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/10/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Artigo

Título: A Terra Indígena Vale do Javari e a Fronteira Peruana

Autor(es): NASCIMENTO, Hilton S.

Local e editora: São Paulo: CTI

Data e edição: 2006

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

O autor faz breve histórico da região do Javari na disputa do território pelos países Brasil e Peru desde a época da coroa. No período de 1870 e 1911, época do primeiro ciclo da borracha e do caucho, a região começou a ser ocupada por brasileiros e peruanos. Depois da crise da borracha em 1920 começa a exploração da madeira. Do lado peruano a exploração dos recursos naturais alcançou seu pico no inicio da década de 1970. Em 1984 os Matsés já começam a sentir a diminuição dos seus recursos para a subsistência. Em 1985 a área brasileira do Vale do Javari foi reconhecida e interditada pelo governo brasileiro como “Terra Indígena Vale do Javari”, mas continuo sem nenhuma atitude de proteção e fiscalização e as atividades exploratórias continuaram. Em 1993 as comunidades indígenas Matsés habitantes do lado peruano do rio Javari conseguem a titulação de uma área de 452.735 há do seu território tradicional pelo governo peruano, a maior terra indígena continua do Peru. A região do Javari possui a maior diversidade de grupos étnicos, plantas, peixes, aves e borboletas do mundo, sendo uma área de extrema importância para a conservação e repartição dos benefícios da biodiversidade. Nos últimos 10 anos após a época da borracha deu-se a migração para o Javari peruano dos Israelitas – Membros de um movimento religioso de famílias campesinas chamado de “Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal” são motivados pela crença religiosa da terra prometida.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

www.trabalhoindigenista.org.br

Povos: Matsés, Israelitas

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- () Educação () Saúde (X) Organização Indígena
() Cultura () Identidade () Língua () Mitos
(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

Outros: Fronteira, relações interétnicas

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 28/11/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório Informativo

Título: Aconteceu Especial 15

Autor(es): Javavi. Povos Indígenas do Brasil

Local e editora: São Paulo: CEDI

Data e edição: 1984

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra)

Apresenta o quadro da população indígena do Vale do Javari, os Marubo dos rios Ituí e Curuçá têm uma população de 462 pessoas, segundo Melatti, 1978. Para evitar um conflito sangrento, a FUNAI elaborou uma proposta de decreto presidencial para a interdição de seis milhões de hectares na região do Alto Solimões. A FUNAI é contra a perfuração de poços de petróleo a menos de 30 km de malocas de índios não identificados. Dois mortos o sertanista da FUNAI, Lindolfo Nobre Filho, 52 anos, e o funcionário da Companhia brasileira de Geofísica (CBG), João Praia Costa, de 25 anos, foram assassinados a golpes de borduna por um grupo de 50 índios Korubo, dia 4 à tarde no acampamento da Petrobrás que fica na região do rio Itaquai.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação () Saúde (X) Organização Indígena

() Cultura () Identidade () Língua () Myths

(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

Outros: Quadro populacional

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/10/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório Informativo

Título: Aconteceu Especial 17

Autor(es): Javari. Povos Indígenas do Brasil

Local e editora: São Paulo: CEDI

Data e edição: 1987/88/89/90

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra)

Este informativo apresenta as ultimas atividades da Campanha Javari na região do Vale do Javari depois de cumprir seus objetivos, iniciou seus trabalhos em 1986 e terminou em março de 1989, o que motivou sua criação foi à demarcação da terra indígena do Vale do Javari, através de uma nova ação indigenista neste território. O caso da expulsão de Silvio e Marlete Cavuscens/CIMI da terra indígena Vale do Javari por 3 funcionários da FUNAI e 2 policiais federais, foram detidos nas margens do rio Curuçá dentro da terra indígena. Outro acontecimento foi o assassinato de 3 índios Korubo de acordo com a denuncia formulada pelo Padre Joseney, de Atalaia do Norte.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação () Saúde (X) Organização Indígena

() Cultura (X) Identidade () Língua () Mytos

(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/10/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Artigo

Título: Babel da Floresta, cidades dos brancos? Um povo indígena no trânsito entre dois mundos.

Autor(es): CESARINO, Pedro de Niemeyer

Local e editora: FFLCH/SP

Data e edição: 2008

Região: Alto Solimões, Atalaia do Norte, Terra Indígena Vale do Javari,

Palavras chave: Antropologia; Relações interétnicas; Povo Marubo.

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Este ensaio trata da relação entre territórios indígenas e espaços urbanos. Tal relação é aqui abordada pelo ponto de vista da mitologia e xamanismo dos Marubo. O artigo tem por objetivo investigar os pressupostos do xamanismo e da mitologia mobilizados na compreensão das cidades, dos deslocamentos e da alteridade. As reflexões elaboradas pelos xamãs Marubo sobre os estrangeiros e as cidades são tributárias de estruturas de fundo do pensamento ameríndio. As relações interétnicas na interpretação dos trânsitos entre floresta e cidade e das estratégias indígenas de ocupação do espaço urbano. A formação da sociedade hoje conhecida como "Marubo" esconde uma configuração marcada por uma complexa rede de trânsito e circulações, que desde os tempos pré-colombianos, parece determinar os modos de se atuar e refletir sobre a alteridade, os impactos da presença dos brancos e da urbanização. A multiplicidade interna dos povos falantes de língua pano espalhados pela Amazônia ocidental são sociedades ameríndias de sistemas relacionais abertos. Estes sistemas, os trânsitos entre aldeias e cidade são centrais. Os Marubo muito embora vivam em aldeias que distam dias de viagem das cidades do Vale do Juruá e do Alto Solimões, têm propensão especial para os deslocamentos e interlocuções. Nos dias de hoje, o uso de malocas se alia à manutenção de um xamanismo vivo. A relação com o fluxo intenso para a cidade está relacionado com a mitologia e o xamanismo. O mito mostra que o surgimento dos brancos está prefigurado nas mitologias ameríndias e não pode ser compreendido como uma mera reação aos efeitos do contato. Não é apenas nas idas às terras dos estrangeiros para conquistar ferramentas que multiplicidades de povos se encontram. A cosmologia marubo é ela própria um emaranhado infinitista de trajetos, povos e coletivos, visitados pelos xamãs romeaya. A floresta vista por olhos

alterados, é um conglomerado infinito de habitações, muitas das quais semelhantes às dos brancos. Os espaços são reversíveis, a multiplicação perspectiva do xamanismo não se detém a domínios circunscritos.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

FFLCH/SP

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- () Educação () Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura (X) Identidade () Língua (X) Mitos
(X) Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

Outros: relações interétnicas

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 31/03/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório

Título: Campanha Javari

Autor(es): CAVUSCENS, Silvio e OLIVEIRA, Lino João de

Local e editora: Manaus: CIMI; OPAN e Equipes Indigenistas das Prelazias do Alto Solimões e Tefé.

Data e edição: 1986

Região: Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas, Marubo

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

A Campanha Javari como ação alternativa de apoio a estes índios, que propõe: a retirada imediata de todos os invasores da Terra Indígena; a prosseguimento do processo de delimitação e demarcação definitiva da Terra Indígena Vale do Javari; a elaboração de uma política indigenista voltada para os índios considerando a peculiaridade de cada um, a fim de proporcionar-lhes melhores perspectivas para o futuro; o reassentamento dos não índios em outras áreas; a divulgação da realidade dos índios do Javari, no sentido de obter maior apoio na sua luta pela sobrevivência. Apresenta os povos indígenas do Vale do Javari: Matsés (Mayuruna), Marubo, Matis, Kulina, Kanamary e os povos “isolados”: Korubo, “Flecheiros”, Tsohom Djapa e outros grupos “isolados” desconhecidos. Os Marubo são os que têm mais tempo de contato com a sociedade envolvente, segundo estudos de Delvair e Julio C. Melatti. As relações de produção de borracha e extração da madeira provocaram a extensão de sua área de ocupação devido à abertura de novas colocações de seringa e madeira. A alimentação é bastante rica e diversificada que contribui para a saúde, mas com o contato com a sociedade envolvente trouxe doenças venéreas e tuberculose que não tem tratamento na aldeia e esta fora do conhecimento do pajé. Na esperança de atender pelo menos no deslocamento de emergência foi construída uma pista de pouso no Maronal no rio Curuçá.

Localização institucional: (nome do local e prateleira).

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- (x) Educação (x) Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura () Identidade () Língua () Mitos
(x) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/09/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: A (Artigo)

Título: De corpo e Alma

Autor(es): WERLANG, Guilherme Couto

Local e editora: Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense

Data e edição: 2001

Região: Rio Ituí, Município Atalaia do Norte – AM, Terra Indígena Vale do Javari, Povo Marubo.

Palavras chave: Cantos místicos, Saiti, Povo Marubo

Sinopse:

Este ensaio discute as noções de “corpo” e “alma”, dentro do universo dual dos Marubo do sudoeste amazônico, se achegam a outras contribuições a este volume em vista, primeiro, da presente preocupação, em perspectiva universalizante, com questões epistemológicas na Amazônia; segundo, duma relevância, ora bem perene, da ontologia indígena (aqui mais enquanto “presentificação” que “investigação” ou “relato” das origens do cosmos e de todas as formas de ser que nele se dá) para com o conhecimento, de tendência particularizante, da performance dum ethos cognitivo.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Universidade Federal Fluminense

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação () Saúde () Organização Indígena

(X) Cultura () Identidade () Língua (X) Mitos

() Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

Outros: Cantos-mitológicos

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 30/01/2009

Ficha Bibliográfica do povo Marubo

Tipo: Diário de campo

Título: II Assembléia da AMAS na comunidade Marubo de São Sebastião no médio rio Curuçá.

Autor(es): MARQUEZ, Juan Carlos Peña

Local e editora:

Data e edição: 2008

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Terra Indígena Vale do Javari, Aldeia Marubo São Sebastião

Palavras chave: Vale do Javari, AMAS, Marubo

Sinopse: (da obra)

Relata sobre a viagem de barco pequeno chamado na região de deslizador, onde foi sua primeira viagem a região do Vale do Javari, onde receberá convite da Associação Marubo da Aldeia de São Sebastião – AMAS, para participar da Assembléia desta e se formalizar como parceiro as organizações indígenas do Vale do Javari. Teve a participação da FEPI José Bonifacio Baniwa, Darcy Duarte Comapa, Almério Alves Wadick, Elisberto Vargas indígena Marubo funcionário da FUNAI, Álvaro Marineu Cardoso representante da FUNASA; Joseney, Prof. Juan pela UFAM e Lideranças indígenas Marubo e Mayuruna. A minha presença como representante da Universidade favorece a possibilidade de compartilhar idéias com a de formação de um projeto de Cartografia Social nas comunidades e na cidade de Atalaia do Norte. A aldeia de São Sebastião esta num morro bastante alto na terra firme, com grandes malocas e um campo de futebol. A reunião começou com a pintura de todos os participantes para a preparação da festa de encontro e inauguração das malocas da comunidade. As lideranças destacam a necessidade de reformar o movimento pela saúde indígena, pelas reivindicações de produção, educação. Na reunião são abordados os temas de educação e de invasão dos pescadores.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Caderno de Campo Juan Carlos Peña Márquez

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- (X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura () Identidade () Língua () Mitos
(X) Políticas Públicas () Imaginário (X) Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/10/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Artigo

Título: Enigmas do corpo e soluções dos Panos

Autor(es): MELATTI, Júlio Cesar

Local e editora: Campinas, São Paulo: UNICAMP

Data e edição: 1992. **Coleção e volume:** Série Antropologia 78

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari

Palavras chave: Mitologia, Marubo, Matis, Caxinauás

Sinopse:

Este artigo descreve e analisam personagens rituais, os Wasa dos Marubo, Inkanchasho dos Caxinauás e os Mariwin dos Matis, este que visitam as malocas dos Matis com rostos cobertos por máscaras de cerâmica, corpos untados com lama e guarnecidos com folhas de samambaias rasteiras, os Mariwin, irrompem na maloca, caminhando agachados e trazendo feixes de varas de palmeira. Com varas golpeiam as crianças cujas idades estejam na faixa entre dois anos e adolescência. Acreditam os Matis que as varadas combatem a preguiça. Wasa dos Marubo herói da mitologia cujo nome é macaco de cheiro, os Marubo contam a história de Wasa como um dos episódios do mito Wenía, que descreve a origem de sua sociedade e de sua cultura. Wasa ou Ni Wasa que pertence a seção dos Nináwavo, era um homem que não podia andar por isso seu irmão Ni Shopa costumava carregá-lo às costas. Tendo Ni Shopa construído uma maloca e plantado uma roça, resolveu convidar os moradores de outras malocas para uma festa. Na ausência do irmão Wasa chorando sentado debaixo da rede dela, tenta seduzir Maya, esposa do irmão. Wasa corta dela nos dentes os pelos pubianos na rede. Shopa chega cantando que nem uma onça e pede da mulher caiçuma, a Maya esconde os púbis com uma cuia, então Shopa percebe a obra de Wasa. Shopa briga com Wasa então sai da maloca pela porta da frente e entra pela porta de trás pega Maya dança com ela e vão tomar banho, atravessam para o outro lado e começa a ajuntar pedaços de flores, frutas, animais de todas estas coisas que ele ajuntou virou gente, os Chaináwavo, Nináwavo, Yenenáwavo. Wasa foi-se embora, apoiado em osso de anta. Os heróis místicos Mariwin, Wasa nos parece inicialmente como um aleijado e marcado pelo gesto não sociável de cobiçar a mulher do irmão, mas tem algo de comum entre os dois personagens, os Mariwin vivem em buracos e são considerados como

ancestrais e o Wasa é o primeiro a sair do chão, a frente da seção dos Nináwavo. Inkanchasho dos Caxinauás era paralítico de nascença. Rígido pela cintura aos joelhos caminhava com passos curtos e arrastados. Tem muita semelhança nos personagens Marubo e Matis.

Localização institucional:

Universidade de Brasília

Povos: Marubo, Matis, Caxinauás

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- () Educação () Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura () Identidade () Língua (X) Mitos
() Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 31/03/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório

Título: FUNAI no Javari: afinal, existe ou não existe?

Autor(es): MONTAGNER MELATTI, Delvair

Local e editora: São Paulo: CEDI

Data e edição: 1987/88/89/90, Povos indígenas no Brasil – Javari.

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Atalaia do Norte, Vale do Javari, FUNAI.

Sinopse: (da obra)

Depois de percorrer os corredores da burocracia e os igarapés da região do Javari, Delvair relata sobre a situação da FUNAI em Atalaia do Norte, as instalações foram modificadas, o interior do estabelecimento foi modificado (os alojamentos transformados em escritórios), aumentou o número de burocratas na sede, principalmente de chefes. As áreas indígenas continuam defasadas de técnicos especializados e sem assistência, a omissão do órgão na melhoria da saúde. O ambiente de trabalho na administração é “frio”, não há nenhum entrosamento entre os diferentes setores, nenhum trabalho ou projeto realiza-se em conjunto. Os funcionários da FUNAI reclamam dos salários, das reclassificações, das injustiças sociais, dos enquadramentos errados ou existentes no quadro administrativo. Há mais de um ano que constrói a Casa do Índio onde não tem uma verba específica utilizam as sobras de recursos, por que tudo é prioritário. Os índios em trânsito hospedam nos barcos da FUNAI ancorados no porto, somente os índios doentes são alimentados pela administração, pareceu-nos que os índios em trânsito ficam abandonados a sua sorte, apesar de existir um chefe responsável pela Casa do Índio. As mazelas da administração regional são agravadas pela crônica falta de remédios. Para que acha cooperação mútua entre pesquisador e FUNAI, esta deve ser mais flexível e receptiva, e menos burocrática.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- () Educação (X) Saúde () Organização Indígena
(X) Cultura () Identidade () Língua () Mitos
(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo
Outros: FUNAI

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/09/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Artigo

Título: Interações entre Restrições em Marubo (Pano)

Autor(es): COSTA, Raquel Guimarães R.

Local e editora: Rio de Janeiro: Revista da ABRALIN

Data e edição: 2002

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari, Rio Curuçá, Comunidade Marubo de São Sebastião.

Palavras chave: Língua Indígena, Fonologia, Sílaba e acento

Sinopse:

Este trabalho trata de padrões silábicos e acentuais do Marubo (Pano), sob a perspectiva da Teoria da Optimalidade. Nossa principal objetivo é a busca de explicações para a co-existência na língua entre troqueus e iambos silábicos. Argumentamos que padrões acentuais distintos surgem como resultado de interações paralelas entre restrições de boa-formação métrica e restrições de fidelidade ao input. De acordo com a Teoria da Optimalidade, a gramática é caracterizada por um conjunto de restrições violáveis que codificam propriedades lingüísticas universais. As línguas diferem no modo como organizam hierarquicamente essas restrições, dando prioridade a umas, em detrimento de outras.

Localização institucional:

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

www.abralin.org/revista/RV1N1/artigo1/RV1N1_art1.pdf

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação () Saúde () Organização Indígena

(X) Cultura (X) Identidade (X) Língua () Myths

() Políticas Públicas () Imaginário (X) Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 26/05/2009

Ficha Bibliográfica do povo Marubo

Tipo: Relatório Informativo

Título: Povos Indígenas do Brasil - Javari.

Autor(es): Instituto Socioambiental

Local e editora: São Paulo: ISA

Data e edição: 1991/1995

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra)

Destaca a situação dos povos indígenas do Vale do Javari por Silvio Cavucens com colaboração do coordenador do CIVAJA Clovis Rufino Reis e da equipe da Pastoral Indigenista da Diocese do Alto Solimões, coordenado pelo Padre Joseney Lira. A população das cidades de Benjamin Constant e Atalaia do Norte, principalmente têm sido estimuladas contra os índios, suas organizações e seus aliados por grupos políticos locais e empresários da madeira, no sentido de se revoltarem contra a demarcação da área indígena Vale do Javari. A exploração da madeira e suas consequências, os madeireiros são armados pelos patrões e atuam sem qualquer respeito para com os povos indígenas. O ultimo censo demográfico realizado pela Pastoral Indigenista conjuntamente com a Fundação Nacional de Saúde em maio de 1994, revela uma população de 3.858 pessoas de 5 etnias indígenas. Marubo 960 pessoas; Matsés 640 pessoas; Kanamary 445 pessoas; Kulina 80 pessoas e Matis 178 pessoas. As informações coletadas no vale do javari comprovaram a existência de pelo menos oito grupos ou subgrupos “isolados” na região, a saber: os Korubo; os índios do Quixito (nas cabeceiras dos rios Quixito e Esquerdo); os índios “flecheiros”; os índios “isolados” da cabeceira do rio Jutaí; os Tsohom-Djapá; os Kulina na terra firme entre o Quixito e o Curuçá; um subgrupo Marubo na terra firme do arrojo e o rio Ituí e subgrupo Matsés entre a cabeceira do rio Negro, afluente do Pardo e o alto Jaquirana.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura (X) Identidade () Língua () Mitos
(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/10/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório Informativo

Título: Povos Indígenas do Brasil - Javari.

Autor(es): Instituto Socioambiental

Local e editora: São Paulo: ISA

Data e edição: 1996-2000

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra)

A Terra Indígena Vale do Javari reconhecida em 1998, começou ser demarcada em 2000. A luta pela demarcação da área continua foi o mais forte motor da formação do CIVAJA, com a conquista da demarcação foram expulsos os invasores, em maio de 1996 o IBAMA, com o apoio das Forças Armadas e da Polícia Federal, iniciou uma grande operação para apreensão da madeira extraída ilegalmente da área indígena. A FUNAI no Javari tem motivado insatisfação por parte dos índios, que invadiram sua sede em junho de 1995 e em outubro de 1997, esta ultima teve uma mudança de administrador indicado pelas lideranças indígenas. A situação educacional na região do Vale do Javari pouco evolui ao longo dos últimos anos.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

(X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena

(X) Cultura (X) Identidade () Língua () Mitos

(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 28/11/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Tese de Doutorado

Título: O Mundo dos Espíritos: Estudo Etnográfico dos ritos de cura Marubo.

Autor(es): MONTAGNER MELATTI, Delvair

Local e editora: Brasília: Instituto de Ciências Humanas - UNB.

Data e edição: 1985

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari, Rios Curuça e Ituí.

Palavras chave: Antropologia; espíritos; Ritos de Cura, Povo Marubo.

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Este trabalho constitui uma descrição e análise dos ritos de cura dos Marubo, índios Pano do sudoeste do Estado do Amazonas. Estes ritos se apresentam de diversos modos conforme seus objetivos. Como as doenças são consideradas de origem sobrenatural, são combatidas por agentes de cura (xamã e curador) que manipulam diferentes espíritos ou elementos benéficos para as eliminarem do corpo do enfermo. Tanto os espíritos que causam as doenças como aqueles que as expulsam, ocupam lugares determinados do cosmo. Por isso, os curadores, ao entoarem os cânticos de cura, mencionam a procedência da doença e convocam espíritos que possuem certas qualidades para combatê-la e para revigorarem o corpo do enfermo. O xamã em transe efetua a cura de outro modo, extraíndo o objeto patogênico do local afetado pela doença. Ao lado desta terapêutica mágica há o uso de remédios do mato, havendo um tipo específico para cada caso patológico/psicológico.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Universidade de Brasília - UNB

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

(X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena

(X) Cultura (X) Identidade () Língua (X) Mitos

(X) Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 30/06/2009

Ficha Bibliográfica do povo Marubo

Tipo: Tese de Doutorado

Título: *Oniska. A poética da morte e do mundo entre os Marubo da Amazônia Ocidental.*

Autor(es): CESARINO, Pedro de Niemeyer.

Local e editora: Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional

Data e edição: 2008

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari

Palavras chave: Antropologia; Etnografia, Poética Marubo

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Esta tese é um trabalho de estudo e tradução de exemplares das artes verbais Marubo (falantes de língua pano da Amazônia ocidental). A poética Marubo se desenvolve em torno do emprego especial do paralelismo, do uso de metáforas rituais e de um sistema de classificação, cujo sentido extrapola os domínios das artes verbais e se articula em um amplo sistema de pensamento. O estudo de tal sistema parte de uma etnografia da noção de pessoa, das concepções de doença e morte, do xamanismo e da mitologia. Tal investigação etnográfica permite constatar que a reiteração veiculada pelo paralelismo, bem como a variação desencadeada pelo sistema de classificação, constitui propriamente uma maneira de pensar o mundo e a alteridade. O pensamento subjacente à poética ritual Marubo é, portanto, um pensamento sobre a multiplicidade, definidora da cosmologia (concebida em diversos estratos celestes e subterrâneos) e da pessoa (dividida entre o suporte corporal e diversas almas ou duplos). A condição múltipla da pessoa determina o regime de enunciação de tal poética xamanística, cuja compreensão é essencial para o trabalho de tradução de seus cantos. A tradução acaba aqui por se tornar, não apenas uma tarefa de recriação de cantos na escrita, mas também um problema geral de reflexão etnográfica. A poética xamanística Marubo desenvolve um pensamento e uma atuação sobre o estado geral de desolação, desagregação e doença que caracteriza esta época, cujo sentido é perseguido ao longo desta tese.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

www.trabalhoindigenista.org.br/tese.pdf

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- (X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura (X) Identidade (X) Língua (X) Mitos
() Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

Outros: movimentos sociais indígenas

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 26/05/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório

Título: Os índios esquecidos e ameaçados

Autor(es): MELATTI, Júlio Cesar

Local e editora: São Paulo: CEDI

Data e edição: 1983, Povos Indígenas do Brasil – Javari.

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas, FUNAI.

Sinopse: (da obra)

Este relatório apresenta apóis várias denuncia de invasões, abandono da Terra indígena do Vale do Javari o processo de definição e delimitação permaneceu parado. O ex-presidente da FUNAI Cel. Paulo Moreira Leal mostrava-se contrário à criação de um parque, dando referencia à demarcação de uma reserva para cada povo. A região do Vale do Javari estava marcada pelo registro de grandes lotes de terra chamados de seringais que tinham títulos definitivos e legítimos de propriedade onde estariam dentro da proposta de demarcação do parque. A distribuição de terras na região está marcada sob a jurisdição do INCRA, que atua nas áreas de segurança nacional. Então, sem dúvida, o destino do Parque ou das reservas indígenas depende de um bom entrosamento entre a FUNAI e o INCRA. Há vários registros de invasões no território indígena nos Matsés no Javari, dos Marubo no Curuçá. A grave situação de saúde dos povos indígenas da região, sem duvida, o que passou por problemas mais sérios foi o dos Matis. Um relatório de Samuel Vieira Cruz, chefe do PIA Ituí, descreve os óbitos ocorridos entre os Matis desde maio-junho de 1981 a junho de 1982, num total de 87 mortes num surto de gripe.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação (X) Saúde () Organização Indígena

() Cultura () Identidade () Língua () Mitos
(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/10/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Dissertação de Mestrado

Título: Padrões Rítmicos e Marcação de caso em Marubo (Pano).

Autor(es): COSTA, Raquel Guimarães R.

Local e editora: Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras.

Data e edição: 1992

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari

Palavras chave: Vale do Javari, Língua Marubo

Sinopse:

Este trabalho lida com aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe da língua Marubo (Pano), visando a uma compreensão dos processos envolvidos na estruturação de cada nível lingüístico. Partindo de uma abordagem tipológico-funcional, busca-se o estabelecimento de padrões rítmicos gerais para as formas nominais e verbais, com especial atenção ao tratamento da altura, da duração e da intensidade, visando à conjunção entre a fonologia e os demais níveis lingüísticos. Busca-se também a descrição dos principais processos de formação de palavras e do sistema de marcação de caso, verificando-se os artifícios utilizados pela língua na condição dos diferentes papéis semânticos e/ou pragmáticos. Paralelamente, procura-se detectar as alterações rítmicas decorrentes desses processos, assim como outros fatores causadores de perturbações rítmicas.

Localização institucional:

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação () Saúde () Organização Indígena

(X) Cultura (X) Identidade (X) Língua () Mytos

() Políticas Públicas () Imaginário (X) Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 30/04/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório de eleição das áreas indígenas Vale do Javari

Título: Projeto de estudo para eleição de áreas indígenas na Bacia do Rio Javari.

Autor(es): MONTAGNER MELATTI, Delvair

Local e editora: Brasília: FUNAI

Data e edição: 1980

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: eleição de áreas indígenas, Vale do Javari

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Este relatório apresenta os primeiros trabalhos de eleição da terra indígena do Vale do Javari. Desde 1974 vimos propondo a criação da reserva para os Marubo, mas somente em fins de 1979 inicia-se uma tentativa para compor um grupo de trabalho para elegê-la. A idéia da eleição da área dos Marubo, que já tinha pesquisado seis meses, deixaria de fora os outros grupos, então, elaboramos uma eleição mais ampla da região, na qual todos os grupos indígenas seriam beneficiados com esta iniciativa. Exponho o projeto de estudo para eleição de áreas indígenas da bacia do Javari, surgindo à criação de uma grande reserva e de outras menores. A autora faz um apanhado histórico da região tanto dos aspectos interétnicos, geográficos, econômicos e políticos. Faz um apanhado geral dos grupos indígenas existentes na bacia do Javari e no Rio Jutaí, dando sua localização e área de ocupação de cada grupo étnico. Tendo uma idéia da extensão da área abrangente pelos indígenas, propomos a criação de duas reservas isoladas no Rio Javari e mais três no Rio Jutaí, por causa das distâncias que os separam. Com a aglomeração dos grupos indígenas nas cabeceiras dos rios Javari, Curuçá, Ituí e Itaquaí e do rio Jutaí propomos a criação de uma reserva única. O objetivo da mesma seria permitir a preservação cultural e ecológica da área protegida, dando aos indígenas maior liberdade de locomoção em seu habitat tradicional. Para eleger as áreas indígenas da bacia do Javari, dos rios Jandiatuba e Jutaí, há necessidade de compor, no mínimo, três grupos de trabalho, constituídas de um antropólogo e um engenheiro (topógrafo, desenhista). Cada grupo ficará responsável por eleger as áreas de dois rios próximos um do outro.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

FUNAI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo, Matis, Matsés, Kulina, Kanamary, Korubo e grupos “isolados”

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

(X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena

(X) Cultura (X) Identidade (X) Língua (X) Mitos

(X) Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

Outros: demarcação da terra indígena

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 31/03/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório

Título: Javari

Autor(es): RICARDO, Carlos Alberto (coordenador geral)

Local e editora: São Paulo: CEDI

Data e edição: 1981. Volume 5

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Apresenta a situação dos povos indígenas do Vale do Javari na questão da saúde, educação e demarcação da terra indígena. Sobre os Marubo apresentam aspectos históricos sua língua da família Pano, sua localização ao longo do rio Ituí e Curuçá onde vivem tradicionalmente em malocas. Um quadro de dois recenseamentos dos Marubo, um feito em 1975 e outro, em 1978. A história do contato com bases nos estudos de Julio Cesar Melatti e Delvair Montagner Melatti (1975). O modo de vida a ocupação do espaço e divisão do trabalho por gênero. Cita os trabalhos da missão novas tribos do Brasil na década de 50 e da FUNAI.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

(X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena

(X) Cultura () Identidade () Língua () Mitos

(X) Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 26/09/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Relatório

Título: Relatório do levantamento dos grupos indígenas do Vale do Javari

Autor(es): CAVUSCENS, Silvio e OLIVEIRA, Lino João de

Local e editora: Brasília: CIMI; OPAN e Equipes Indigenistas das Prelazias do Alto Solimões e Tefé.

Data e edição: 1985

Região: Município Atalaia do Norte – AM, Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari.

Palavras chave: Vale do Javari, Povos Indígenas

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Apresenta o quadro da população indígena do Vale do Javari, os Marubo dos rios Ituí e Curuçá têm uma população de 594 pessoas.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

() Educação () Saúde () Organização Indígena

(X) Cultura () Identidade () Língua () Myths

() Políticas Públicas () Imaginário () Simbolismo

Outros: Quadro populacional

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 29/09/2008

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Tese de Doutorado

Título: Rumos do Movimento Indígena no Brasil contemporâneo: experiências exemplares no Vale do Javari.

Autor(es): MATOS, Maria Helena Ortolan.

Local e editora: Campinas, São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

Data e edição: 2006

Região: Alto Solimões, Terra Indígena Vale do Javari, Povos Indígenas

Palavras chave: Antropologia; movimentos sociais; povos indígenas Javari.

Sinopse: (da obra ou do pesquisador)

Esta tese aborda os desdobramentos do movimento indígena no Brasil, após a promulgação da Constituição de 1988, quando uma nova fase se iniciou com mudanças significativas na forma jurídica e política de inserção das populações indígenas no Estado brasileiro. Descreve e analisa o modo de atuação dos líderes do movimento indígena, a partir das experiências exemplares indígenas vivenciadas no contexto interétnico do Vale do Javari. Aborda a criação do Conselho Indígena do Vale do Javari (CIVAJA), como organização protagonista de acontecimentos da história do movimento indígena. Como instrumento de análise, recorre à noção de rede para tratar as relações entre os atores sociais como múltipla e não apenas unidirecional. A criação de organizações indígenas é tratada como parte do processo de definição de espaços interculturais no Estado brasileiro. Sob a abordagem do diálogo intercultural, questiona se a participação indígena nas esferas públicas governamentais de atuação tem permitido a articulação entre os distintos sistemas de significados ou tem mantido o predomínio hierárquico do sistema não-indígena. Ao final, conclui que, apesar da pluralidade étnica ser reconhecida pela sociedade brasileira, não se criou meios para concretizá-la como princípio organizativo do Estado nacional.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Universidade Estadual de Campinas

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

www.unicamp.org.br/tese.pdf

Povo: Marubo, Matsés, Matis, Kulina, Kanamary

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- (X) Educação () Saúde (X) Organização Indígena
(X) Cultura (X) Identidade () Língua () Mitos
(X) Políticas Públicas () Imaginário (X) Simbolismo

Outros: movimentos sociais indígenas

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 27/02/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Vídeo Filme

Título: Marubo: uma tribo na Amazônia

Autor(es): Direção e Roteiro: Nilson Araújo; Projeto de pesquisa: Delvair Montagner

Local e editora: Brasília: CPCE

Data e edição: 1991, duração: 27 min.

Região: Alto Solimões, Município Atalaia do Norte – AM, Terra Indígena Vale do Javari, Rio Ituí.

Palavras chave: Marubo, Maloca, Roça, Pesca.

Sinopse: (da obra)

O Vale do Rio Javari, fronteira com o Peru, vivem os Índios Marubo - uma tribo amazônica que luta para preservar suas tradições e cultura. Este documentário vai levar você ao fascinante mundo deste grupo, seu dia a dia, sua relação com a chamada "civilização" e principalmente sua riqueza de ritos e valores. O povo Marubo tem aproximadamente 700 pessoas distribuídas nos rios Curuçá e Ituí. A maloca é o abrigo ideal para quem vive nesta região, dividi-se em compartimentos: dormir; colocam os utensílios domésticos; e fazem as refeições, é o lugar onde se trabalha, descansa, dança, cura e ensina. A roça fica próximo da maloca todos participam do trabalho conforme o sexo e idade, têm uma variedade de plantas: macaxeira, banana, abacaxi, mamão, pupunha, etc., são de responsabilidades das mulheres a colheita dos produtos agrícolas e lenha para o fogo. Os homens pescam de anzol e linha e caçam com espingarda, cartuchos e cachorros. As refeições são feitas dentro da maloca os homens comem separados das mulheres em dois bancos na entrada da maloca, as mulheres comem no chão próximo da segunda porta dos fundos. Com o contato com os não indígenas alterou os costumes e as necessidades dos Marubo, extraem da floresta seringa e madeira para comprar produtos industrializados. A cura acontece dentro da maloca onde o pajé cheira tabaco e toma ayahuasca e canta cânticos místicos para curar o enfermo.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Produção Cultural e educativo – CPCE e UNB

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

- (X) Educação (X) Saúde () Organização Indígena
() Cultura (X) Identidade () Língua () Mitos
() Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

() **Obra de autoria Indígena**

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 30/04/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Vídeo Filme

Título: Meninos Nus, Marubo

Autor(es): Direção e Roteiro: Delvair Montagner

Local e editora: Brasília: CPCE

Data e edição: 1991, duração: 9 min.

Região: Alto Solimões, Município Atalaia do Norte – AM, Terra Indígena Vale do Javari, Rio Ituí.

Palavras chave: Marubo, Meninos, Nus.

Sinopse: (da obra)

Apresentam os meninos Marubo da aldeia Nova Vida no Rio Ituí, mostra suas brincadeiras com animais silvestres, tomando banho, percorrendo os caminhos das matas com as plantas dos pés. As meninas participando da colheita na roça e carregando lenhas para o fogo, os meninos participam da caça e da pesca com seus respectivos pais. E ambos participam das danças dentro da maloca e no terreiro fora da maloca.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Produção Cultural e educativo – CPCE e UNB

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

(X) Educação (X) Saúde () Organização Indígena

(X) Cultura (X) Identidade () Língua () Mytos

() Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 30/04/2009

Ficha Bibliográfica do Povo Marubo

Tipo: Vídeo Filme

Título: Yoranawa: gente de verdade

Autor(es): Direção e Roteiro: Andre Luiz; Projeto de pesquisa: Delvair Montagner

Local e editora: Brasília: CPCE/COSAI

Data e edição: 1993, duração: 27 min.

Região: Alto Solimões, Município Atalaia do Norte – AM, Terra Indígena Vale do Javari, Rio Curuçá, Aldeia São Sebastião.

Palavras chave: Marubo, Relações sociais, Assembléia.

Sinopse: (da obra)

Vídeo etnográfico que mostra a aldeia Marubo do Posto Indígena Curuça se preparando para recepcionar um grupo de líderes do Vale do Javari. Pela primeira vez, as diversas etnias se reúnem em uma maloca para discutir problemas comuns e trocar experiências. Apresentam às mulheres na roça colhendo algodão, banana e macaxeira e depois dentro da maloca fazendo comida em panelas de barro em seguida amostram no terreiro os seus artesanatos e suas relações do dia-a-dia. Entrevistam madeireiros nos seus barcos subindo o rio Curuçá, onde retiram aproximadamente por safra 1.000 toros de madeira. Depois entrevista o Coordenador do CIVAJA – Conselho Indígena do Vale do Javari, o Senhor Darcy Comapa Marubo que vão realizar a I Assembléia dos Povos Indígenas do Vale do Javari em São Sebastião no médio Rio Curuçá, na finalidade de discutir a demarcação da terra indígena, educação, saúde e outros problemas. Várias lideranças indígenas: Marubo, Matsés, Kanamary, Kulina falam da importância da terra demarcada e criação do CIVAJA.

Localização institucional: (nome do local e prateleira)

Centro de Produção Cultural e educativo – CPCE e UNB

Nº. de Chamada institucional: do local onde se localiza (se houver)

Povo: Marubo

Conteúdos: os assuntos que a obra apresenta

(X) Educação (X) Saúde (X) Organização Indígena

(X) Cultura (X) Identidade () Língua () Mitos

() Políticas Públicas (X) Imaginário (X) Simbolismo

() Obra de autoria Indígena

Pesquisador: Neon Solimões Paiva Pinheiro

Data: 30/04/2009